

HENRIQUETA LISBOA

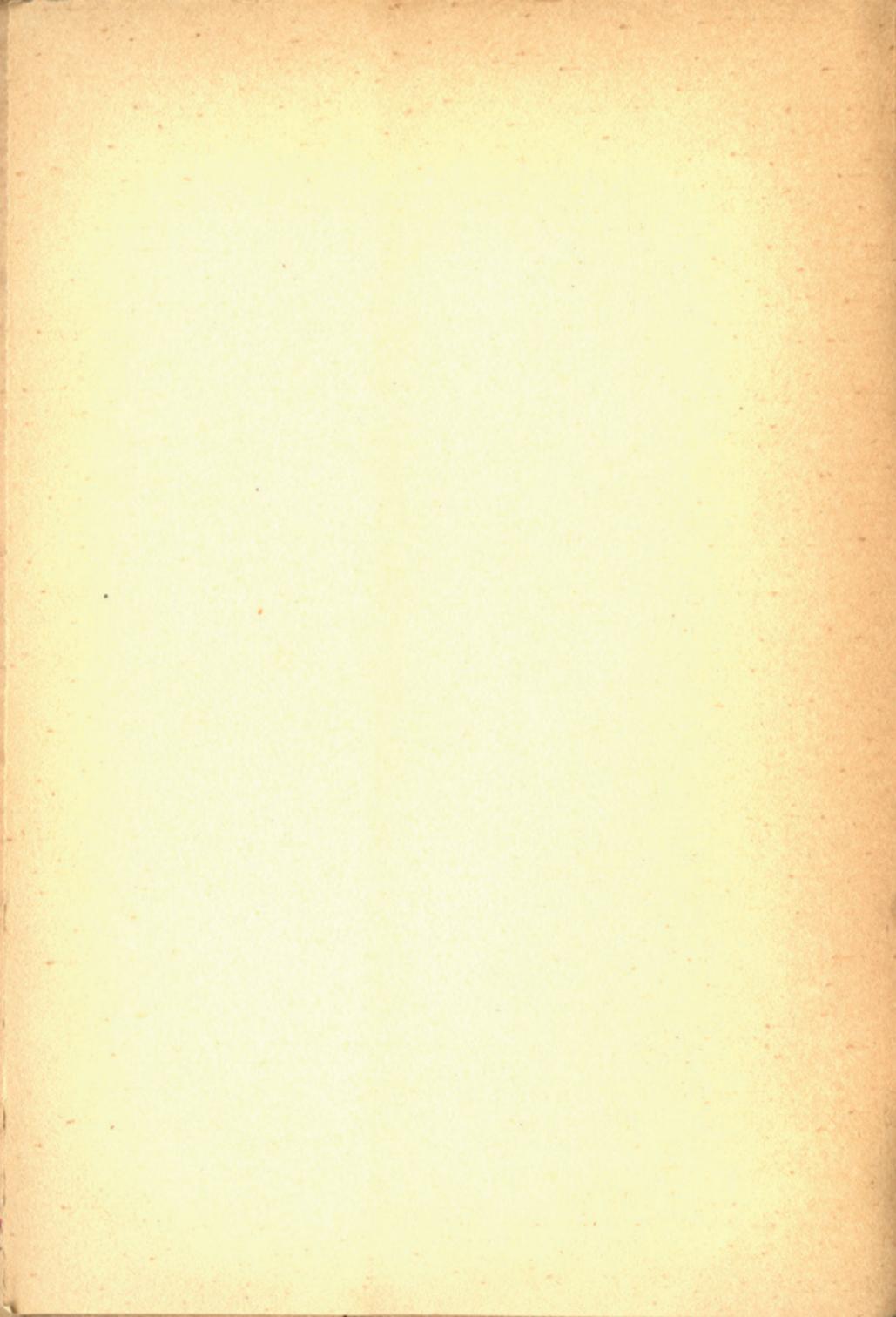
**PRISIONEIRA
DA
NOITE**

1941
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A
RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO

ALPHABET

Nº 405

ms. 86-75
€75, 00



HENRIQUETA LISBOA



PRISIONEIRA
DA NOITE

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A.

RUA DO OUVIDOR, 94
RIO DE JANEIRO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 144
SÃO PAULO

A autora escreveu:

FOGO FÁTUO.

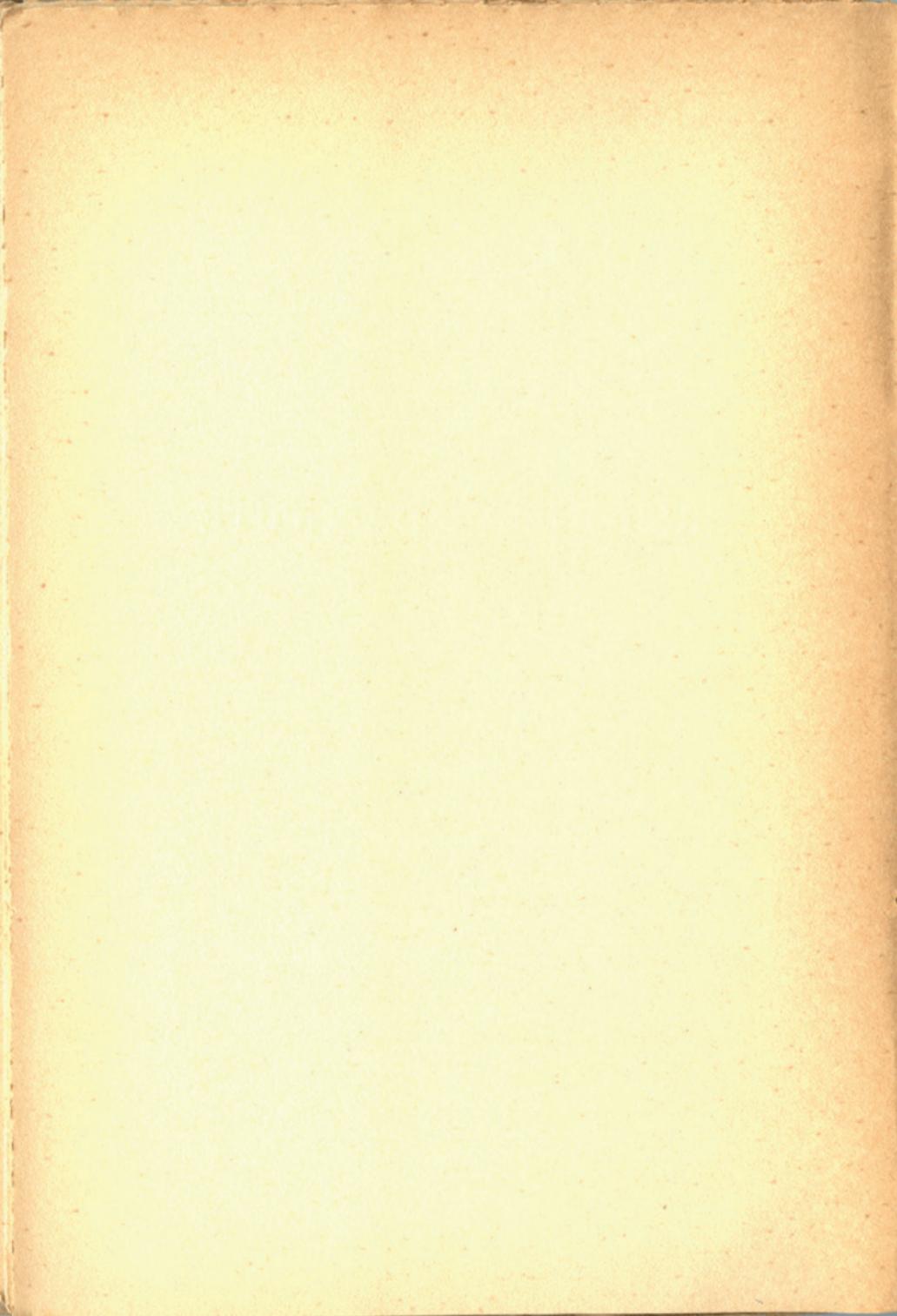
ENTERNECIMENTO (1.º prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras conferido em 1930).

VELÁRIO.

VIDA E OBRA DE ALFONSUS DE GUIMARAENS (no prelo do Ministério da Educação).

POETISAS LATINO-AMERICANAS (inédito).

PRISIONEIRA DA NOITE



PRISIONEIRA DA NOITE

Eu sou a prisioneira da noite.

A noite envolveu-me nos seus liames, nos seus musgos,
as estrêlas atiraram-me poeira nas pestanas,
os dedos do luar partiram-me os fios do pensamento,
os ventos marinhos fecharam-se ao redor de minha cintura.

Quero os caminhos da madrugada e estou presa,
quero fugir aos braços da noite e estou perdida.
Onde fica a distância? Dizei-me, ó Peregrinos,
onde fica a distância da qual me chegam misteriosos apelos?

Alguém me espera, alguém me esperará para sempre,
porque sou a prisioneira da noite.

A noite me adormenta com suas flautas esflorando veludos de
[pêssego,
a noite me enerva com suas grandes corolas desmaiadas nos caules,
vejo madressilvas com os pequenos dentes de pérola sorrindo
[enlaçadas aos troncos fortes,
e o frio da noite é um desejo de faces aconchegadas,
e há tepidez nas grotas verde-negras, tão próximas...

Ó fôrças para caminhar! Fôrças para vencer o inebriamento da
[noite,
fôrças para desprender-me da areia que canta sob meus pés como
[cordas de violino,
fôrças para pisar a relva macia e tenra com suas gotas de sereno,
fôrças para desvencilhar-me dos afagos numerosos do vento!

Na noite não posso ficar como uma rosa pendida
porque o homem solitário viria tomar-me pela mão
imaginando que sou a que procura amor.

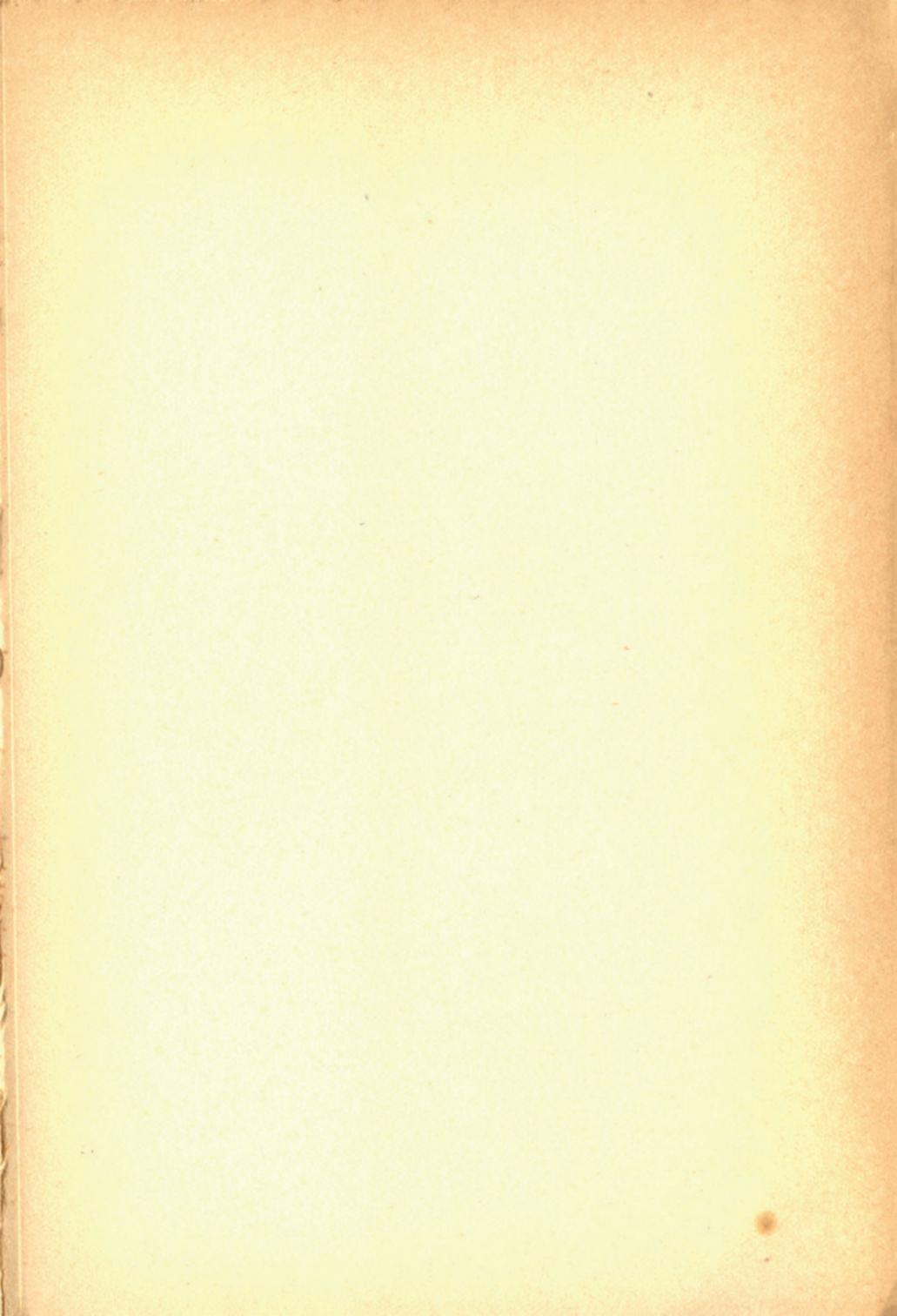
Na noite não ficarei com a túnica esvoaçante e os cabelos em
[desordem
porque uma criança poderia pensar que sou a louca sem pouso,
na noite não, porque a velhinha trêmula viria perguntar-me se
[acaso sou a sua filha desaparecida.

Oh! Quem me ensina os caminhos da madrugada?
Porque não se acendem agora, sim, agora, os candelabros das
[igrejas?
Porque não se iluminam as casas onde há noivas felizes?
Porque de tantas estrêlas no céu ao menos uma não se desprende
para vir pousar no meu ombro como um sinal de esperança?

Tenho um encontro marcado há longo, longo tempo. . .

Mas não chegarei porque sou a prisioneira da noite.

1



INFÂNCIA

E volta sempre a infância
com suas íntimas, fundas amarguras.
Oh! por que não esquecer
as amarguras
e sòmente lembrar o que foi suave
ao nosso coração de seis anos?

A misteriosa infância
ficou naquele quarto em desordem,
nos soluços de nossa mãe
junto ao leito onde arqueja uma criança;

nos sobrecenhos de nosso pai
examinando o termômetro: a febre subiu;
e no beijo de despedida à irmãzinha
à hora mais fria da madrugada.

A infância melancólica
ficou naqueles longos dias iguais,
a olhar o rio no quintal horas inteiras,
a ouvir o gemido dos bambús verde-negros
em luta sempre contra as ventanias!

A infância inquieta
ficou no medo da noite
quando a lamparina vacilava mortiça
e ao derredor tudo crescia escuro, escuro...

A menininha ríspida
nunca disse a ninguém que tinha medo,
porém Deus sabe como seu coração batia no escuro,
Deus sabe como seu coração ficou para sempre diante da vida
— batendo, batendo assombrado!

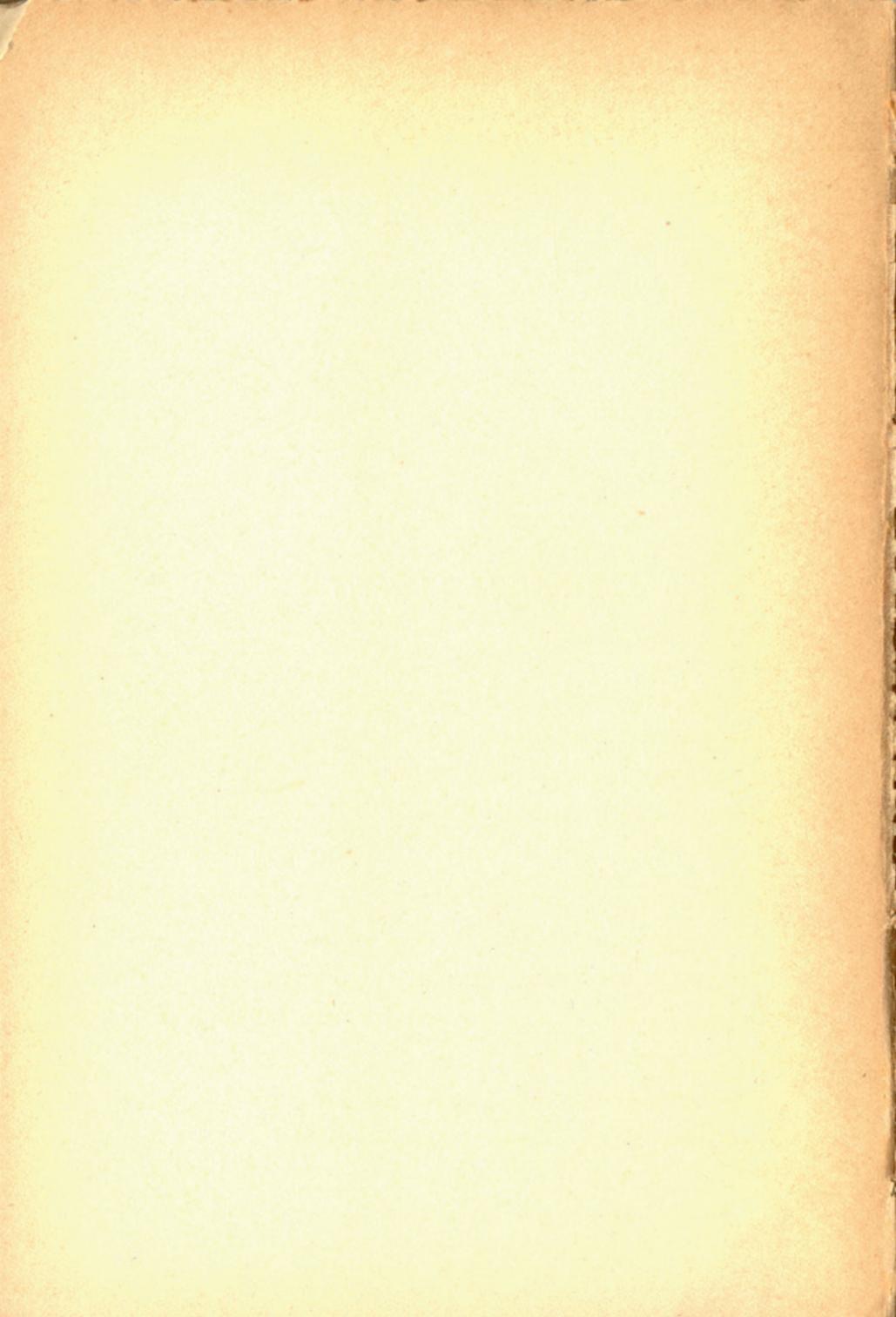
DOCE MOMENTO .

Doce momento em que teus olhos semi-cerrados pousam
tranquilamente no meu rosto
semelhante a uma sombra de árvore
num caminho requeimado de sol.

Doce momento — antes da viagem para o desconhecido...

Doce momento em que teus dedos
desenham borboletas no espaço
à procura de minhas mãos
e param de repente, indecisos,
brincando com meus anéis.

Doce momento — para disfarçar a emoção...



FASCINAÇÃO DO MAR

Sonhei com o mar. E êle era terrível
como a cólera de Deus.

E também era belo e era grande
como a misericórdia de Deus.

Olhei o mar. E êle era triste
na solidão e profundeza de suas águas.
E também era louco e poeta
no seu mistério e nas suas viagens sem caminho.

Aproximei-me do mar. E êle era pérfido
com suas algas e seus milenares abismos.

E também era repousante
com suas ilhas e seus vergéis nascentes.

Fui para o mar. E êle era bárbaro
no acolhimento rumoroso de suas ondas.
E era também a graça, o espírito,
na revoada de suas espumas e gaviotas.

Amei o mar: êle era um deus humano
com seus demônios e seus anjos em liberdade.

A CIDADE MAIS TRISTE

A cidade mais triste a estas horas
deve ser aquela em que as crianças morreram.
Oh! a cidade em que as crianças morreram
será alguma cidade amaldiçoada por Deus,
alguma nova Sodoma?

Está deserta de inocência, de olhos azues,
está deserta de alegria, de risos claros e de cânticos,
está deserta de flores, porque as flores também foram enterradas.

Imagino vultos embaçados em negro,
soluços arrebetando peitos de ferro,
o despêro mudo dos que não sabem chorar,
o irremediável, infinito vazio dos pequenos leitos vazios,
dos lares vazios,
dos corações vazios!

Dizem que o destino reunira tôdas as crianças
talvez numa grande roda girando, girando,
e de repente — ó trágico instante! —
quatrocentas alminhas em vôo para o céu,
quatrocentos caixõezinhos brancos, azues, róseos,
a caminho do cemitério.

Agora a vizinhança da escola pode ficar sossegada,
os recreios acabaram,
não haverá mais grama pisada nos canteiros,
nem frutas roubadas das árvores,
nem algazarra de ensurdecer.

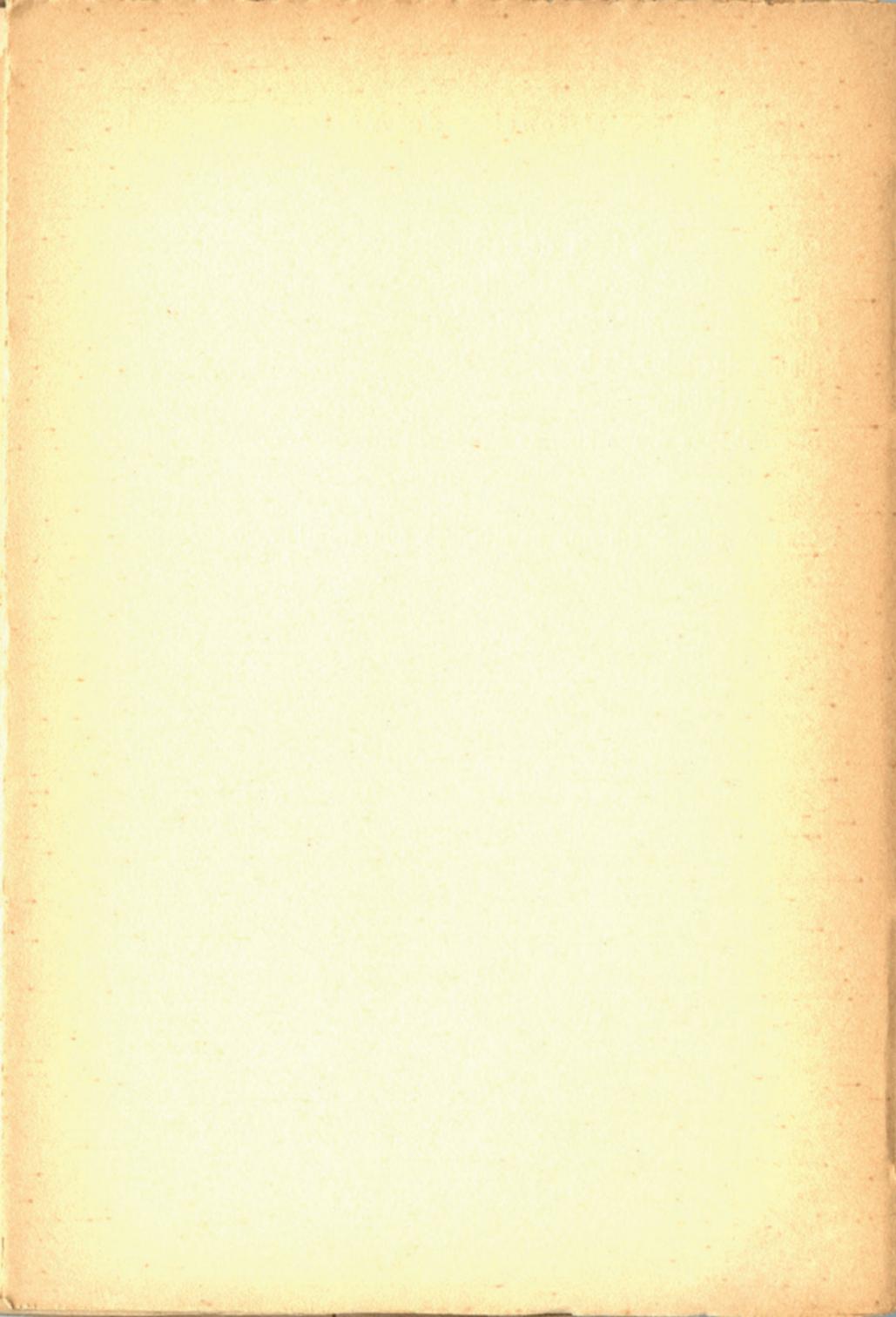
O bairro todo está tranquilo,
morto, sem nenhuma esperança.

Quem encherá a boca de caramelos
gulosamente, à porta das confeitarias?

Quem pasmará de olhos redondos
diante das lojas de brinquedos?

E as avôzinhas cegas
que cabeças afagarão nas noites de inverno?...

Oh! A cidade em que as crianças morreram!...



FLOR

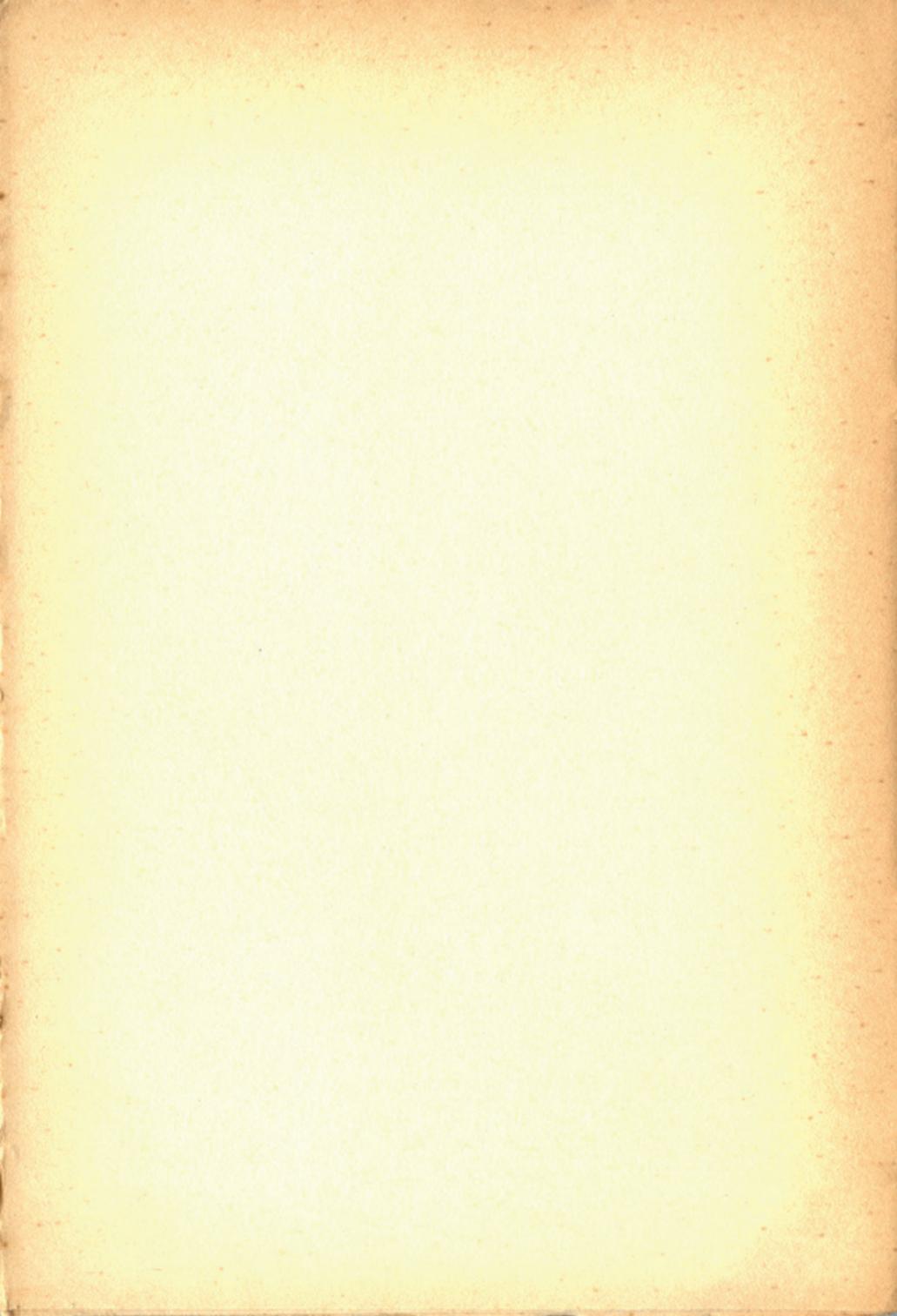
Descerrou-se a corola ao vento da noite
em largas pétalas, num desejo de voo.
Delicada e trêmula, como um beijo nos olhos,
uma gôta de orvalho buscou-lhe o seio.

Foi o quanto bastou
para que a haste vergasse ao peso do cálice.

ESPECTATIVA

Neste instante em que espero
uma palavra decisiva,
instante em que de pés e mãos
acorrentada estou,
em que a maré montante de meu ser
se comprime no ouvido à escuta,
em que meu coração em carne viva
se expõe aos olhos dos abutres
num deserto de areia,
— o silêncio é um punhal
que por um fio se pendura
sôbre meu ombro esquerdo.

E há uma eternidade
que nenhum vento sopra neste deserto!



DESTÊRRO

Em meio à fria escuridão do destêrro,
penso nos dias que se foram:
dias de claridade intensa
em que as pálpebras se fechavam,
dias de ardor canicular
em que os corpos se refugiavam à sombra.

Se em meio à fria escuridão do destêrro
eu tivesse uma réstia de sol,
como os meus olhos se extasiariam na sua contemplação,
como todo o meu ser absorveria calor!

CONVITE

Eu sou a amiga dos que sofrem.
Aproxima-te do meu coração, Amado.
Amado, conta-me os teus segredos.
Onde nasceu a tristeza que nos teus olhos mora,
que causa tem a palidez que unge teus lábios
e êsse tremor que tuas mãos comunicam às minhas?

Porque não vens, à hora confidencial do crepúsculo,
sôbre o banco de pedra esquecido entre as árvores,
junto à fonte chorosa
e os afagos do vento perfumado de flores,

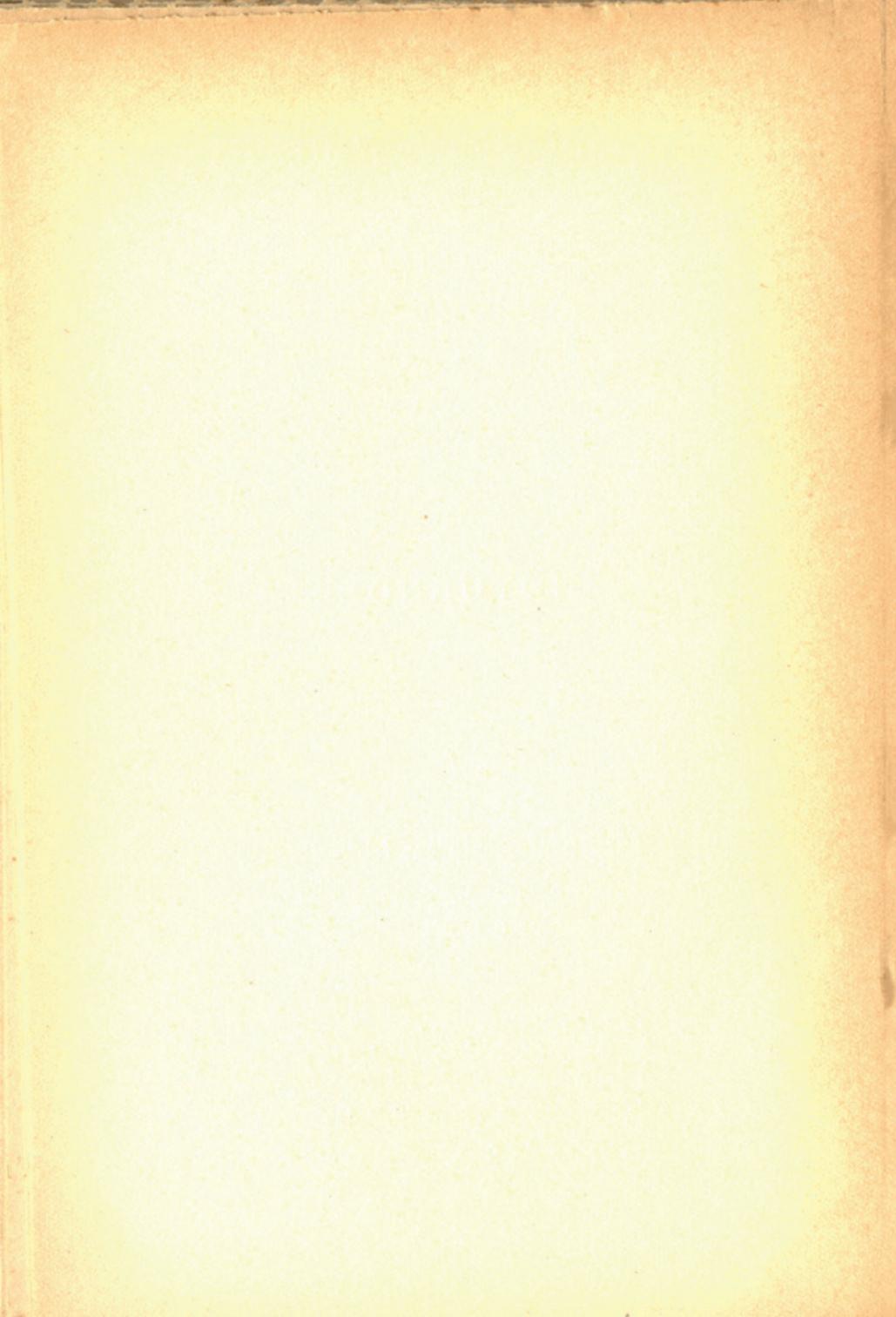
derramar no meu coração
as palavras reveladoras
que me fariam participar da tua amargura,
do teu desespêro,
ou simplesmente do teu cansaço de viver?...

Quando desfalecesse a tua voz num sussurro
e o luar surgisse acariciando o céu em penumbra,
talvez, Amado, talvez sorrisses,
vendo aflorar nos meus olhos noturnos
a lua pequenina da lágrima.

NOTURNO

Meu pensamento em febre
é uma lâmpada acesa
a incendiar a noite.

Meus desejos irrequietos,
à hora em que não há socorro,
dansam livres como libélulas
em redor do fogo.



E V A

Traz um destino de beleza
e de alegria.

Não foi em vão que a natureza
lhe deu, com a graça que irradia,
o dom de transformar ambientes
em ninhos veludosos, quentes,
que são oasis para o corpo
e para a alma confôrto.

(Aquele que por um beijo
cultiva rendas no seu tear
e, ao mesmo ensejo,
tem gestos lindos para acariciar.)

Traz um destino de sonho, poesia,
inocência.
Não é em vão que à evanescência
do seu talhe esbelto de ave
traí a mística, inefável
nostalgia
de um anjo que aspirasse à paisagem do céu.

(Aquele que sob o véu
de uma candura imaculada
viu, nos seus êxtases tranquilos,
a estrêla da madrugada
pairar sôbre um jardim de lírios.)

Tem um destino de bênção, de paz,
e mansuetude.
Não é em vão que traz
na música da voz o timbre doce,
propício ao bem que não ilude.

(Aquela de quem se ouve
à hora da luta uma palavra ideal.
E cuja sombra mansa
se abriu após o vendaval
como um prenúncio de bonança.)

Tem um destino de bondade
e de fecundidade.
Não foi em vão que Deus a fez
ao espelho da terra
(e que espelho mais puro?)
em cujas leis
se encerra
tôda a esperança do futuro
em cada nova primavera viva.

(Aquela que não se esquivava
ao sacrifício promissor
e, depois de ser flor,
— árvore ao sol — também deu fruto,
dignificando o seu tributo
de amor.

Aquela que inspiradora,
virginal,
maternal,
consoladora,
resume o sonho e a plenitude do homem.)

D O R

Ah! Tão preciso foi o golpe
fulminado nas costas,
tão profunda a vibração
de tôdas as fibras,
que os olhos
numa rebeldia súbita
recusaram chorar.

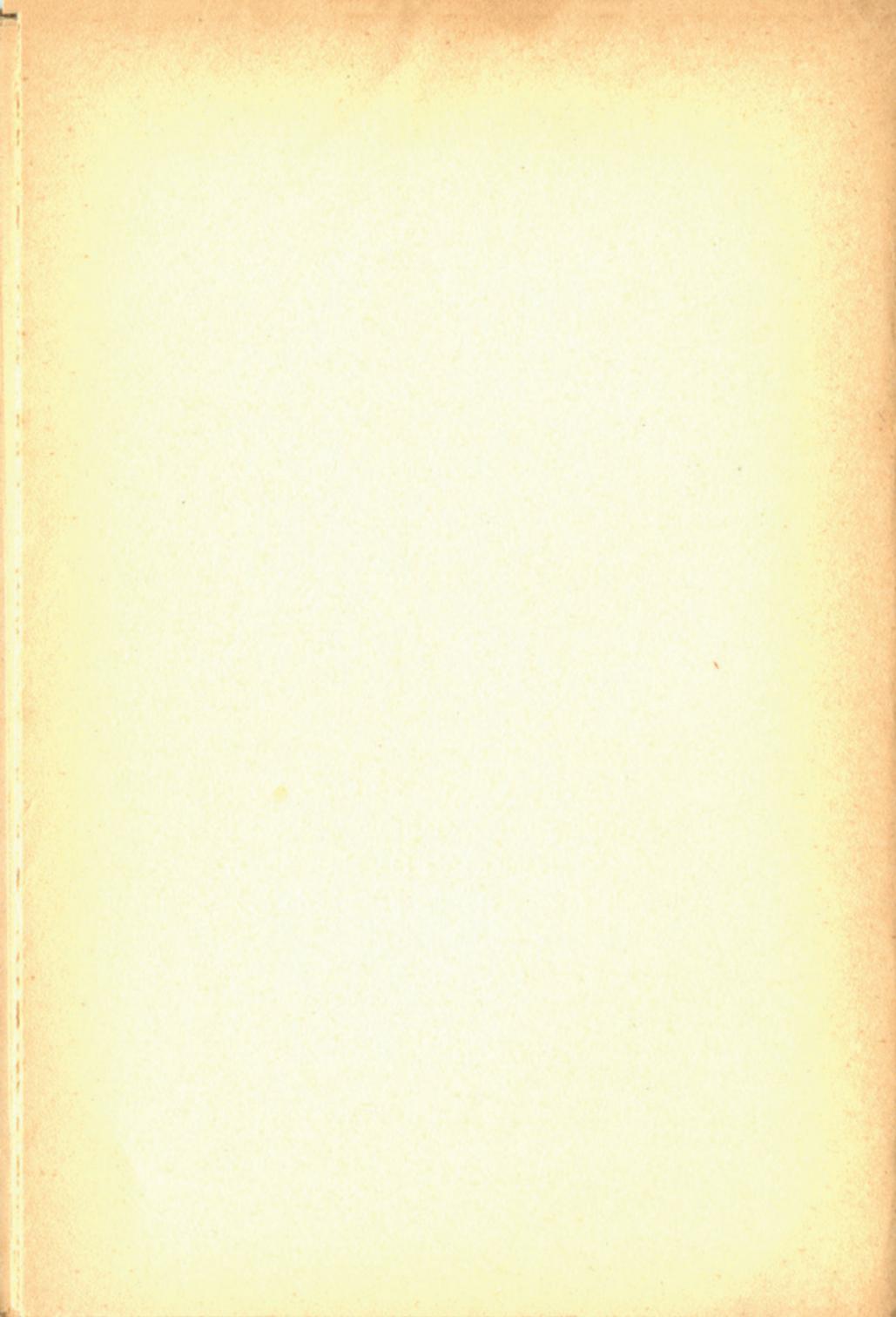
Então as lágrimas,
introvertidas,
gotejaram chumbo líquido
— estriado de sangue —
no coração em gruta.

E ao pêso das estalactites negras
o coração
derreou.

PROBLEMA

Senhor,
a boa fé que me deste e agradeço,
a ternura que ao meu coração imprimiste
como testemunho de tua abundância,
mais de uma vez tem perturbado os hipócritas.

Por amor à causa
daquele a quem chamas o meu próximo
deverei acaso
despojar-me de tuas dádivas?



LUZ SUAVE

Luz suave — olhos de mãe
sôbre o filho ausente.
Tépida e difusa
como sol de inverno
— sem brilho.

Lâmpada de cabeceira,
beijo de irmã.
(Lábios como pétalas:
goivos tenros
rorejados de neblina).

Luz suave nos escuros
olhos tenho.
(Há reflexos de um piano ao crepúsculo...)
Nas mãos diáfanas,
luz suave.
(e dois castiçais de prata fôscas maciamente)

Luz suave, em lágrimas,
gota a gota,
derrama-te sôbre meu coração!
Acaricia-me, contorna-me os ângulos,
apaga-me as perspectivas,
para que em mim haja música,
música — luz suave.

VISITA

No alto do morro há um cemitério humilde
onde o Poeta foi enterrado.
O túmulo do Poeta é um canteiro de corolas silvestres.
E na cruz de madeira igual às outras
o seu nome se apaga.

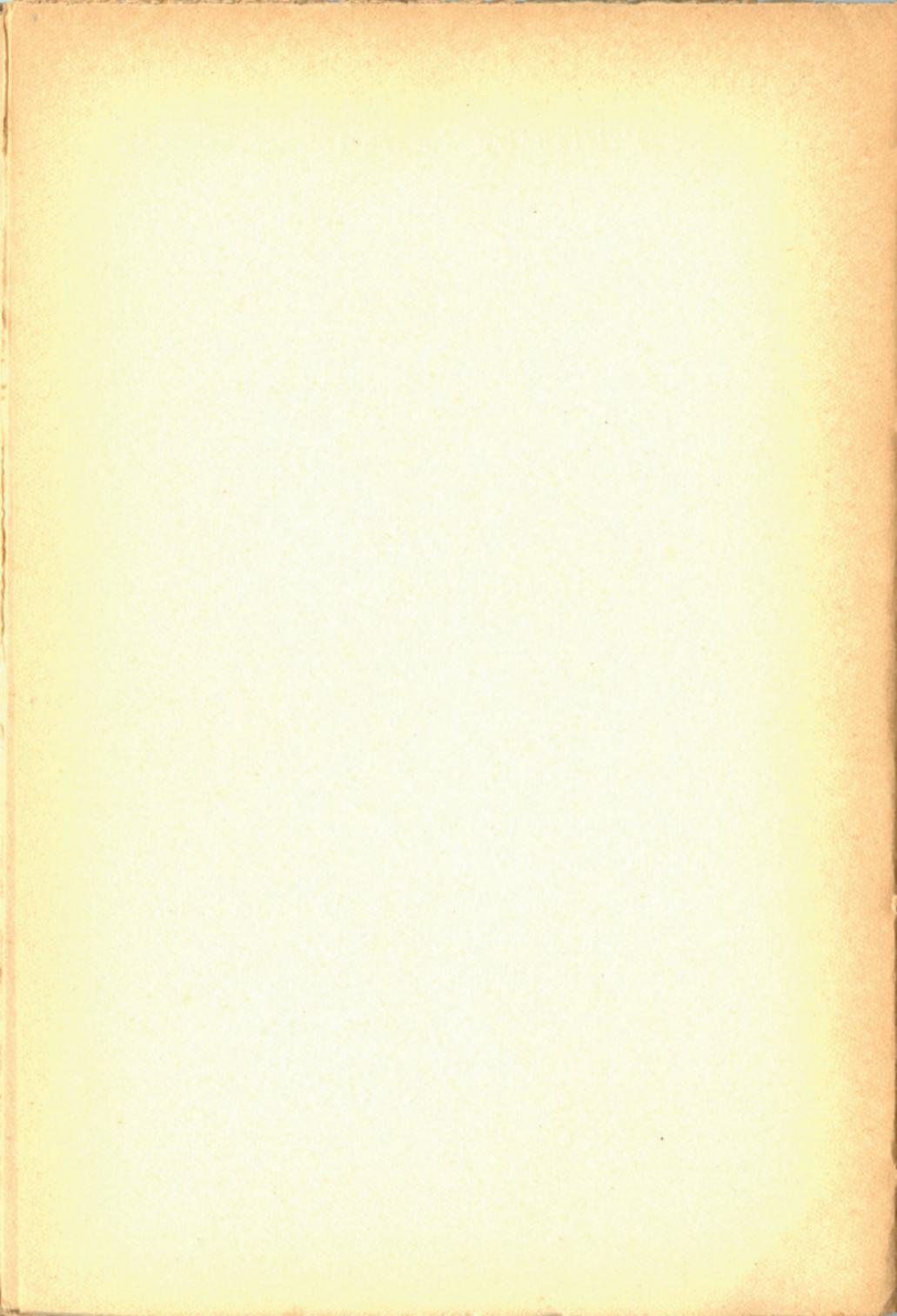
Ao lado do cemitério humilde
há uma igreja em silêncio.
O mato irrompe em tórno, quente e aromal.
Pássaros cantando nítidos
tecem fios de prata entre as árvores.
E o céu brilha como um puro cristal.

Na descida do morro se apinham casebres.
A cidade lá em baixo nada percebe.
E as cousas são irremediáveis

Pois amanhã os homens farão justiça:
e substituirão por mármore alvídoo
e alegorias numerosas
isso que faz tão leve a terra
sôbre o corpo do Poeta.

SINGULAR

Em vez de amar singelamente
uma casa pequena com jardim,
uma varanda com pássaros,
uma janela em que ao sereno há uma bilha de barro,
um pessegueiro, uma canção e um beijo
— o pessegueiro de seu pomar,
a canção popular
e o beijo que poderia alcançar —
a minha musa ama precisamente
o que não existe neste lugar.



A INTRUSA

Alguém conheço que permanece.
Mortal, cerra tuas portas à Intrusa,
apaga as lâmpadas,
contém a respiração,
que ela acaba de introduzir-se no teu jardim!
Ainda agora sua sombra roçou teu muro,
cresceu para dentro de tua janela, cresceu!...

Não cuides que após a tertúlia
com uma flor nos cabelos partirá.

Se a tiveres à mesa
entornará teu vinho para humilhar-te.
E amargará depois teu beijo
com a cinzá de suas lágrimas.
Virá com ela a grande desordem
— o êxtase, a iluminação, a dor.

Guarda-te, Mortal,
que ela te levaria a beber água do poço
— uma água negra de tanta renúncia.

INCOMPREENSÃO

Nada me impede de cantar.
Livre estou de mim mesma.
Nem masmorras, nem grades,
nem o oceano em tórno de minhas ilhas.
As árvores não dão frutos?
As águas não correm no leito dos rios?
O planeta não gira na sua órbita
intercalando a noite e o dia?
E que me impediria de cantar?
Acaso a vossa incompreensão?

Não sabeis que há na minha voz
o frêmito de vossos silêncios?
Que sou a vossa intérprete,
a que não exige salários?
Não sentis no calor de meus cantos
o desabafo da terra exposta ao sol?
Não palpitou acaso neles
a fôrça da onda que sacode o velame?
E a palidez da lua nas lages
não os impregnou de pureza e constância?
Porque então não deixais o meu caminho livre?
Quereis talvez minhas mãos para as fainas lareiras,
ou minha fronte para ser coroada de anêmonas,
ou meu óbulo, ou meu amor efêmero...
E não sabeis, e não sabeis
que muito mais vos tenho dado!

LOUVORES

E, de fato, os louvores vos pertencem...
Deixastes tão de madrugada o leito
nessa procura de poesia!
Tentando aprisionar água entre os dedos,
quantas vezes vos reclinastes sôbre o rio
destemerosos da vertigem!
E vos expusestes às soalheiras,
dias a fio pela estrada sêca
para a colheita dessas flores.
(A flor que mal sustinha a vida,
a que tremia na haste orvalhada
e devia ser a escolhida,
calcastes sem querer aos pés...)

E voltastes com a noite,
e o cântaro vazio e as flores murchas...

Quanto a nós, os poetas de Deus,
de que é que necessitamos?
A poesia habita conosco.
E' o bocado de pão que levamos à boca,
o vinho — amargo às vezes — que bebemos,
(ainda que amargo, nosso)
a rajada de vento que destelhou nossa casa,
o perfume de jasmineiro que nos roubou esta noite o sono,
o riso de nossa criança atrás de uma borboleta lá fora...

A poesia — oh! muito simplesmente:
é a nossa mesma forma de existir.

Por que é que haviam de ser nossos os louvores?

ÚLTIMA VISÃO

Então os olhos viram
o espetáculo maravilhoso.
(Maravilhoso mas tão suave
que os olhos não souberam que estavam maravilhados)

E parecia que baixavam estrêlas à relva
e que uma infinidade de caules
corriam para os montes afastando os velários da madrugada
(nuvens e flores).

Sopravam trombetas de ouro
nas quatro extremidades
uma clarinada de anjos.

E era uma cavalgada de espumas
à luz de diamantes líquidos.

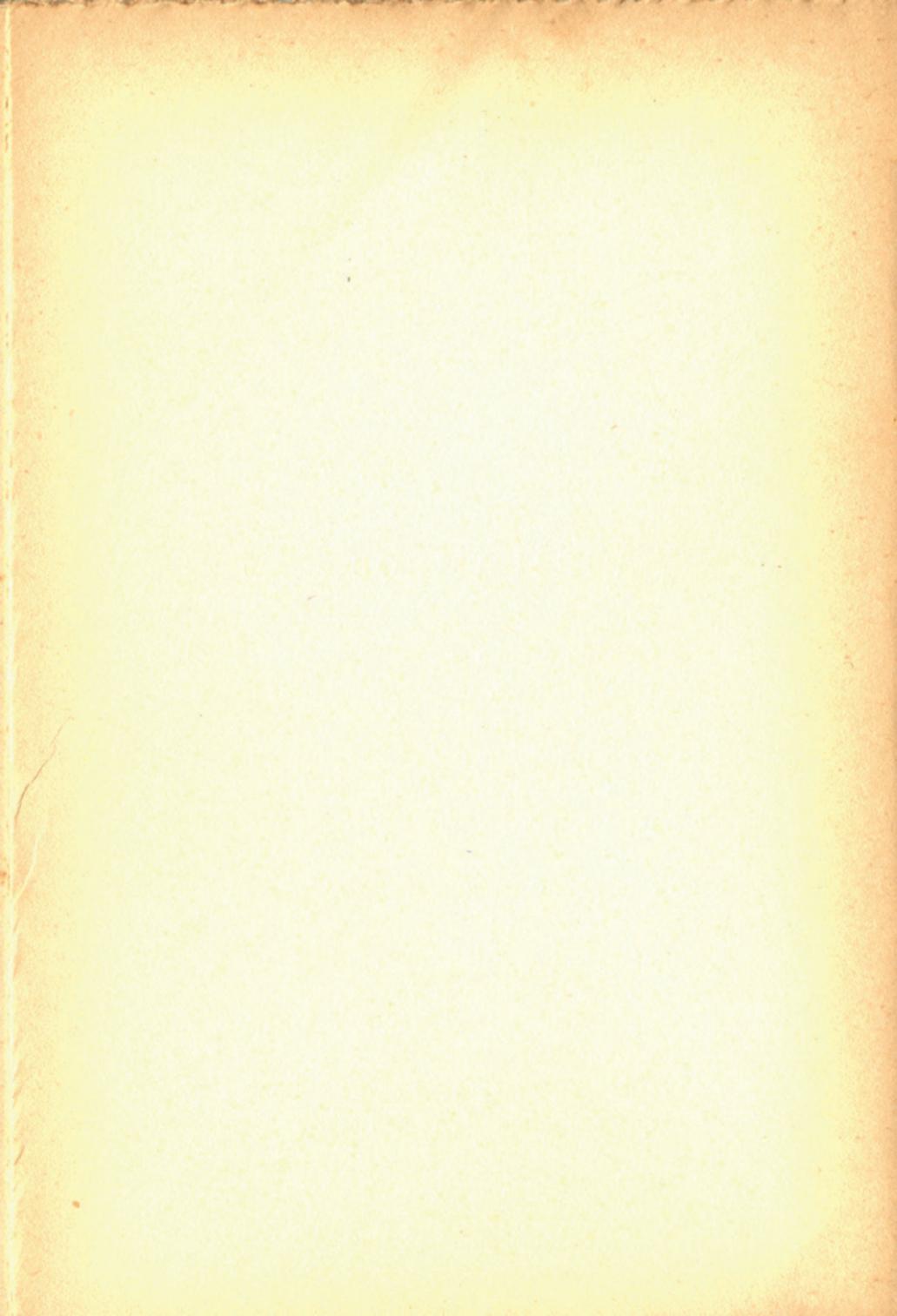
Os olhos não se maravilhavam do que viam
porque tudo era coincidência
no cumprimento de uma promessa:
tanto em sonho êles haviam presenciado outrora o milagre!

E quando a rajada do ocidente
surpreendeu a visão arrebatando-a,
as pálpebras se fecharam em concha.
Os olhos nada mais viam.
Cegos de saciedade.

PIRILAMPOS

Quando a noite
vem baixando,
nas várzeas ao lusco-fusco
e na penumbra das moitas
e na sombra êrna dos campos,
piscam, piscam pirilampos.

São pirilampos ariscos
que acendem pisca-piscando
as suas verdes lanternas,
ou são claros olhos verdes
de menininhos travessos,
verdes olhos semi-tontos,
semi-tontos mas acesos
que estão lutando com o sono?



TRECHO DE POEMA

Pela tela
quadrangular de cristal
da minúscula janela,
a paisagem de aquarela
multiforme, tricolor,
é uma fita natural:
verde-azul-vermelho em flor.

O trem que no mesmo instante
aqui estava e está distante
é um pequeno polegar
que usa botas de gigante.
Quem é que o pode alcançar?

Bota fogo pega fogo
bota fogo pega fogo.

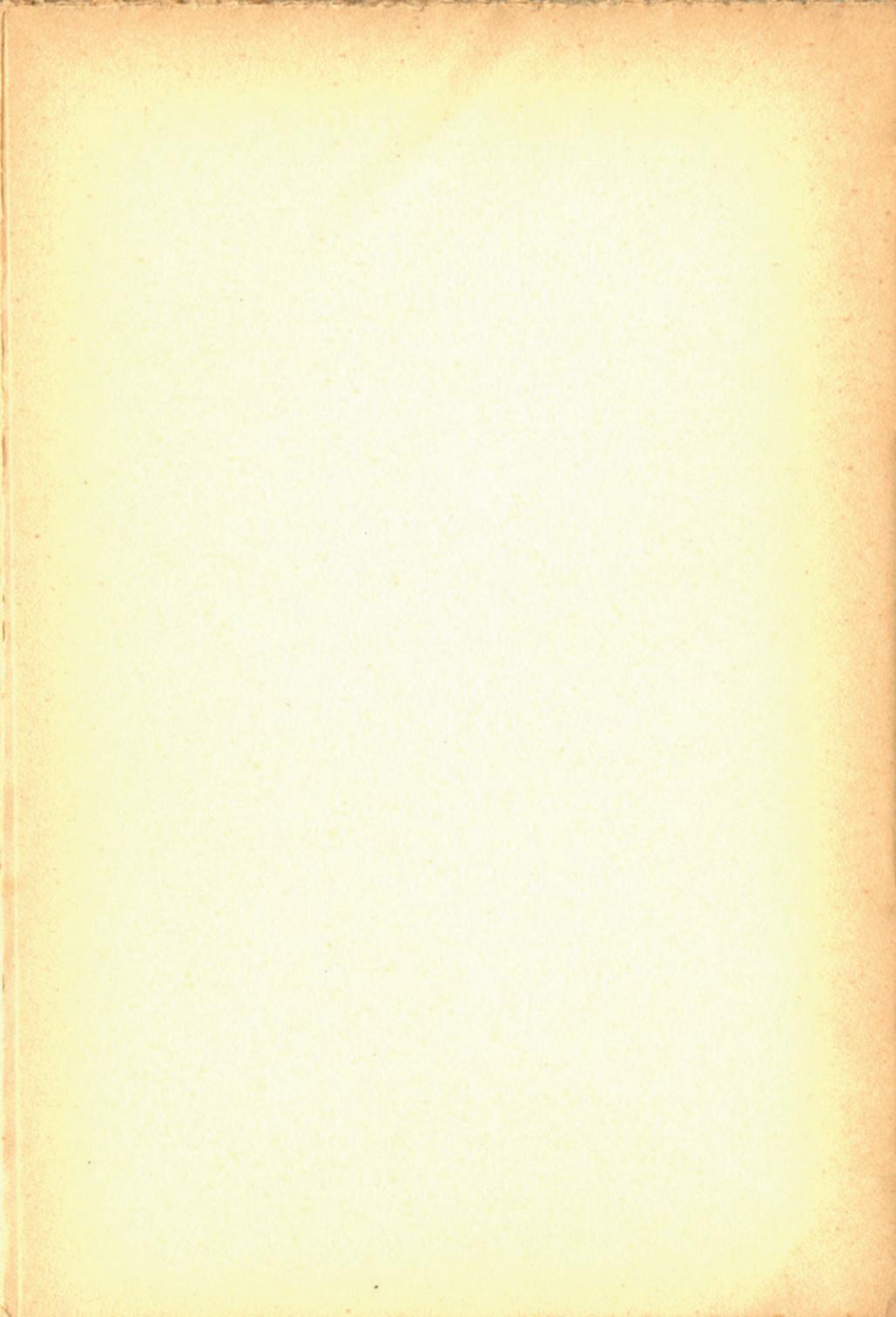
Subindo escarpas pedrentas
que teem escamas de prata,
rompendo as tramas da mata
que teem dragões de unha em ponta,
torcendo-se em curvas tontas
pelas estradas barrentas,
rasgando da terra o ventre,
embrenhando-se por entre
as furnas
mais que soturnas,
lá vai a negra serpente
de atitudes assassinas:
e resfolga e atroa os ares
com seus silvos ponteagudos
que são ameaças aos céus
e vai deixando fumaça
como um lenço de veludo
como um sinal de desgraça
num longo gesto de adeus.

Lá ficaram muito atrás
os potros de crina ao vento.
Já podem dormir em paz
os bois de olhar sonolento
que estão a dizer amém
pela solidão inhospita.
Desaparecem aquém
como caixinhas de fósforo
os casebres de ninguém.

Caminha mais devagar
ó trem, porque tenho medo
de nunca mais lá chegar.

Mas o trem não ouve nada,
morde os ferros, range os dentes,
em fuga desabalada.

Bota fogo pega fogo
bota fogo pega fogo.



O AUSENTE

Ele partiu inesperadamente
sem dizer a ninguém para onde ia
nem quando regressava.
Houve soluços à hora da partida.
Porém êle tranquilo não chorou.
Flores estranhas, veludasas e roxas,
envolveram-no todo num adeus.
Quem tanto amava as flores não sorriu
nem lhes aspirou o perfume.
Não houve entre os amigos seus
talvez um que não viesse vê-lo à despedida.

Mas desta vez ao que era o mais sensível
nenhum carinho comoveu.

Foi-se embora
caladamente
no seu mistério para sempre.

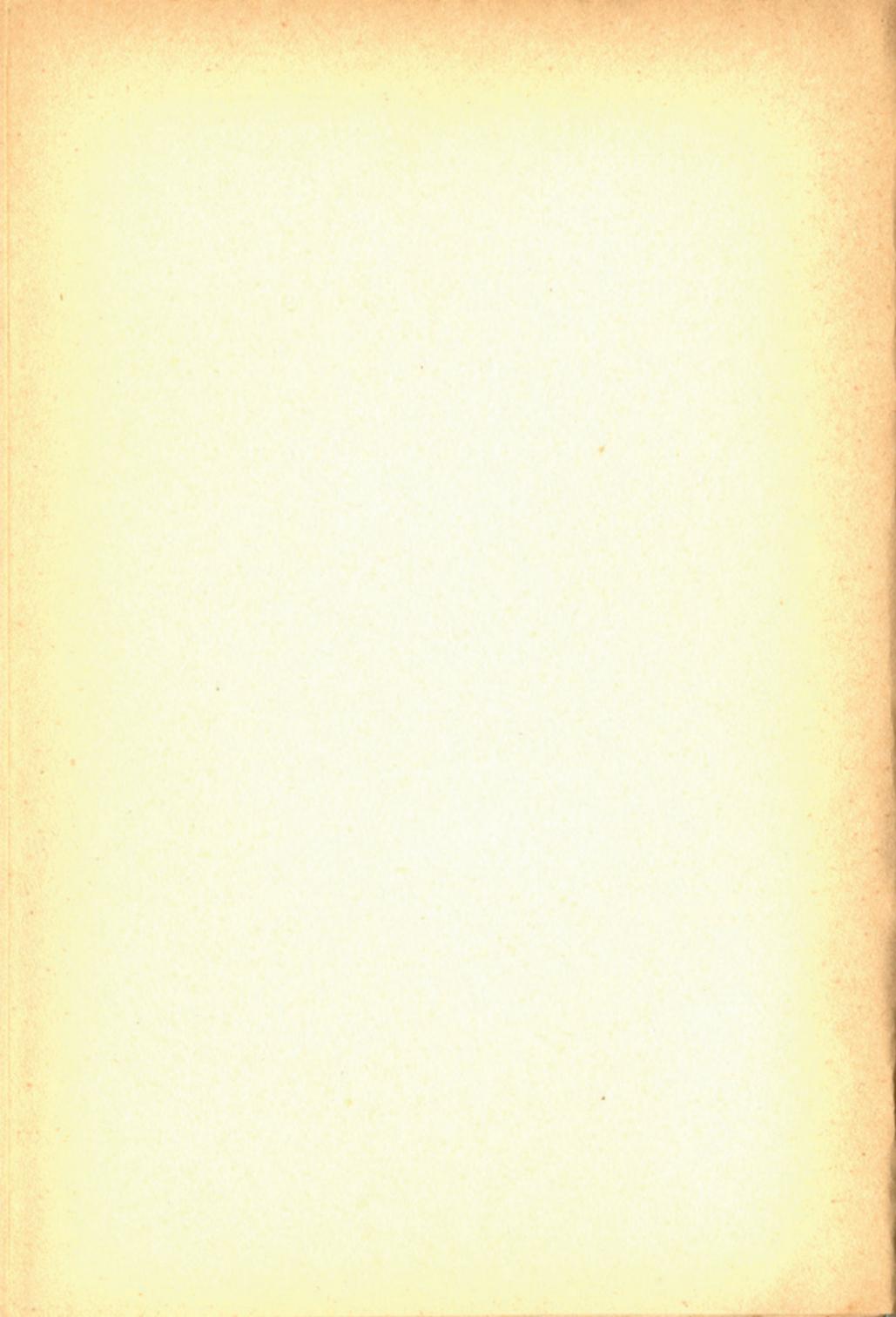
E a vida continuou na mesma ronda
hora mais hora.

Talvez um dia com doçura triste
alguém se lembre olhando longe: E o nosso amigo?
Em resposta dir-lhe-ão simplesmente: Morreu.

Porém no lar que foi o mundo seu
cada dia a saudade avulta e cresce
de tal maneira que parece,
ao abrir de uma porta, que êle surge
de súbito, sereno
como quando habitou entre nós.

Tem-se a impressão de que êle fala e sua voz
conserva a mesma unção de prece
e seu gesto traduz uma bênção perene.

Se acaso perguntar algum estranho
quem nesta casa ocupa o mais alto lugar,
quem à mesa preside, quem governa
atos e corações no redil familiar,
responderão em côro as seis vozes dolentes
— a espôsa e as filhas para as quais viveu:
— E' êle, o Ausente.



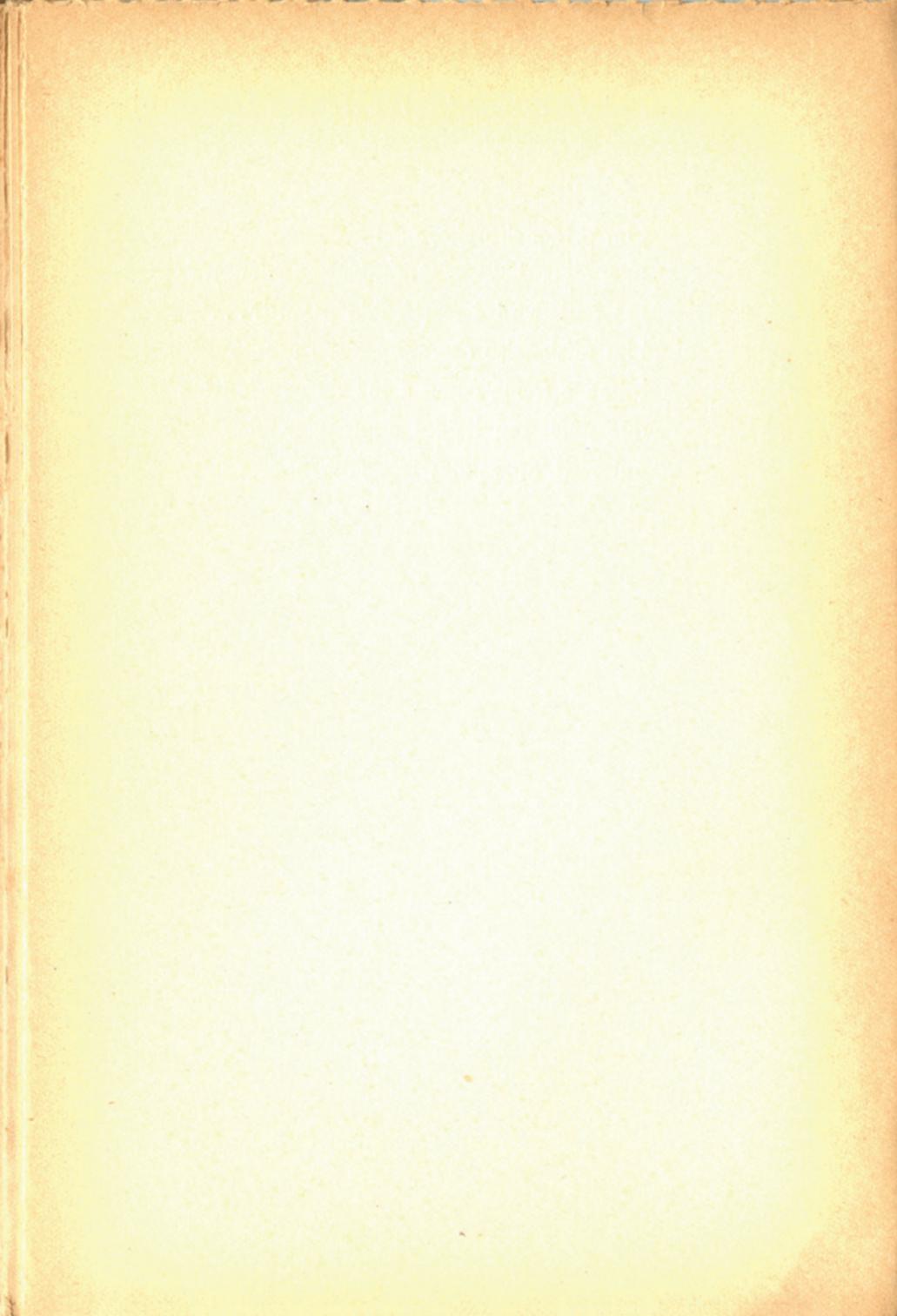
UM PRISIONEIRO CHORA

“Aqui estou por amor dos homens,
Prisioneiro dos tabernáculos.
Aqui, como na Cruz, aguardo
perenemente
a hora do sacrifício.
Irmãos meus,
aqui tendes meu sangue e minha carne,
fazei de mim o que quiserdes:
renovai a paixão,
enriquecei a corôa de espinhos,
dai-me a sorver outra esponja de fel.

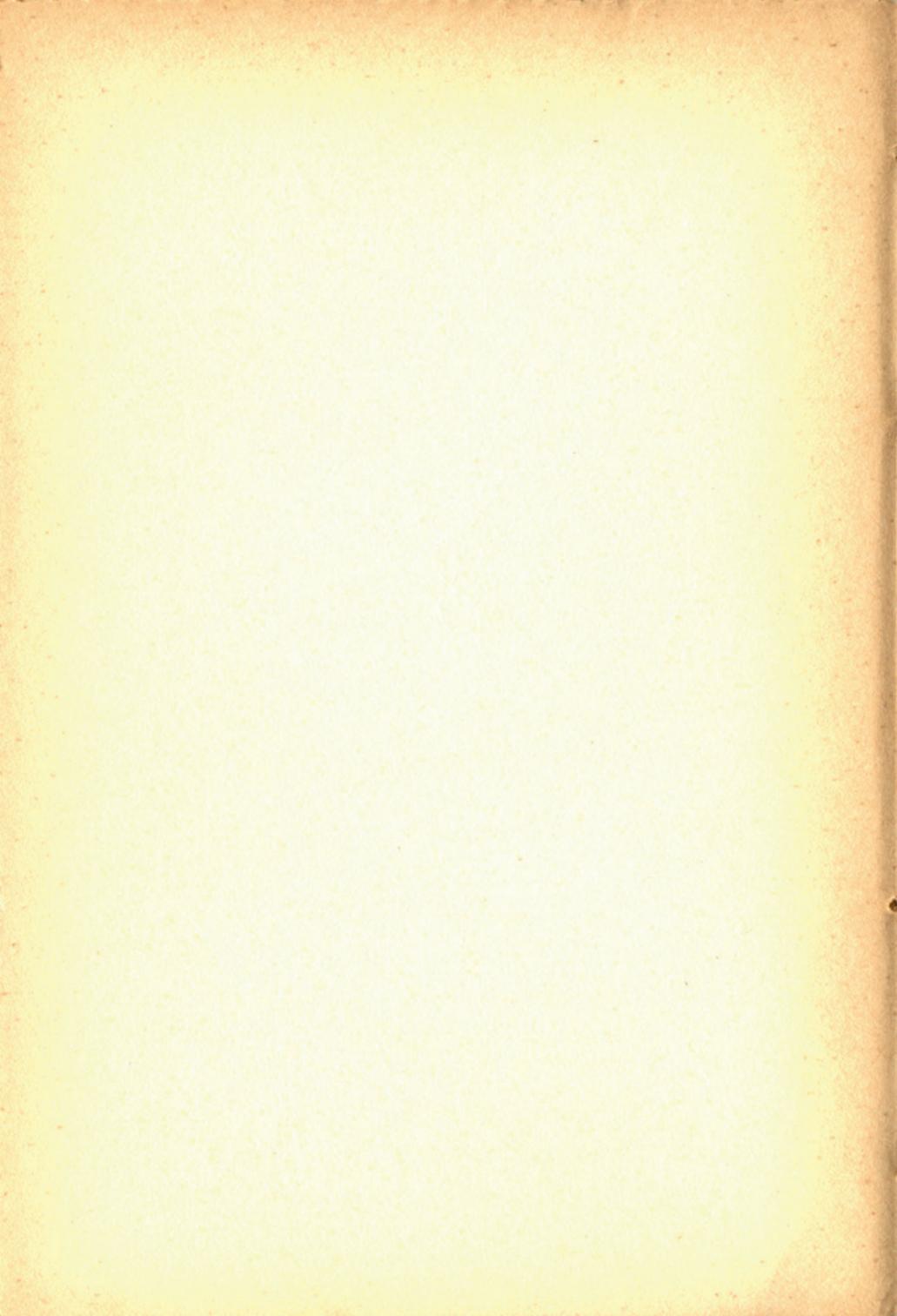
Que é mais amargo ver-vos mortos,
mortos em vida, na ilusão dos sentidos,
prisioneiros do mundo,
mais prisioneiros que êste Corpo
entre quatro paredes!
Como outrora na Cruz, a cada instante
sinto o abandono de meu Pai
para poder estar convosco.
Por vós mil vezes morrerei,
mil vezes ressuscitarei para morrer.
Porém — lembrai-vos da solidão que me cerca.
Oh! os dias ardentes em que tive
sêde, sêde da vossa ternura
e, em que, sem gôta d'água me deixastes,
ressequido à semelhança dos desertos!
E as noites, as noites inúmeras
em que nos descaminhos vos perdeis
enquanto se desfolha meu coração
como as primeiras rosas sob as chuvas!..."

.

Um prisioneiro chora.
E a escuridão em tôrno é menos densa.
De onde virá êsse perdido pranto?...
Um prisioneiro chora. E o seu pranto
brilha e treme como a luz de uma estrêla
que percorreu longos espaços
antes de aproximar-se da terra.



2



Ó SONHO PERFEITO!

Ó sonho perfeito
dos cinco sentidos!
A Eleita e o Eleito
em dias não vindos...

O mar — sol profundo,
as ondas paradas.
Grande flor o mundo
— flor das madrugadas.

Diluindo-se pelas
praias, pelos campos,

caminho de estrêlas,
voz de luar em cânticos.

Pérola dos lagos
cravejando montes
— reposteiros vagos
de mil horizontes.

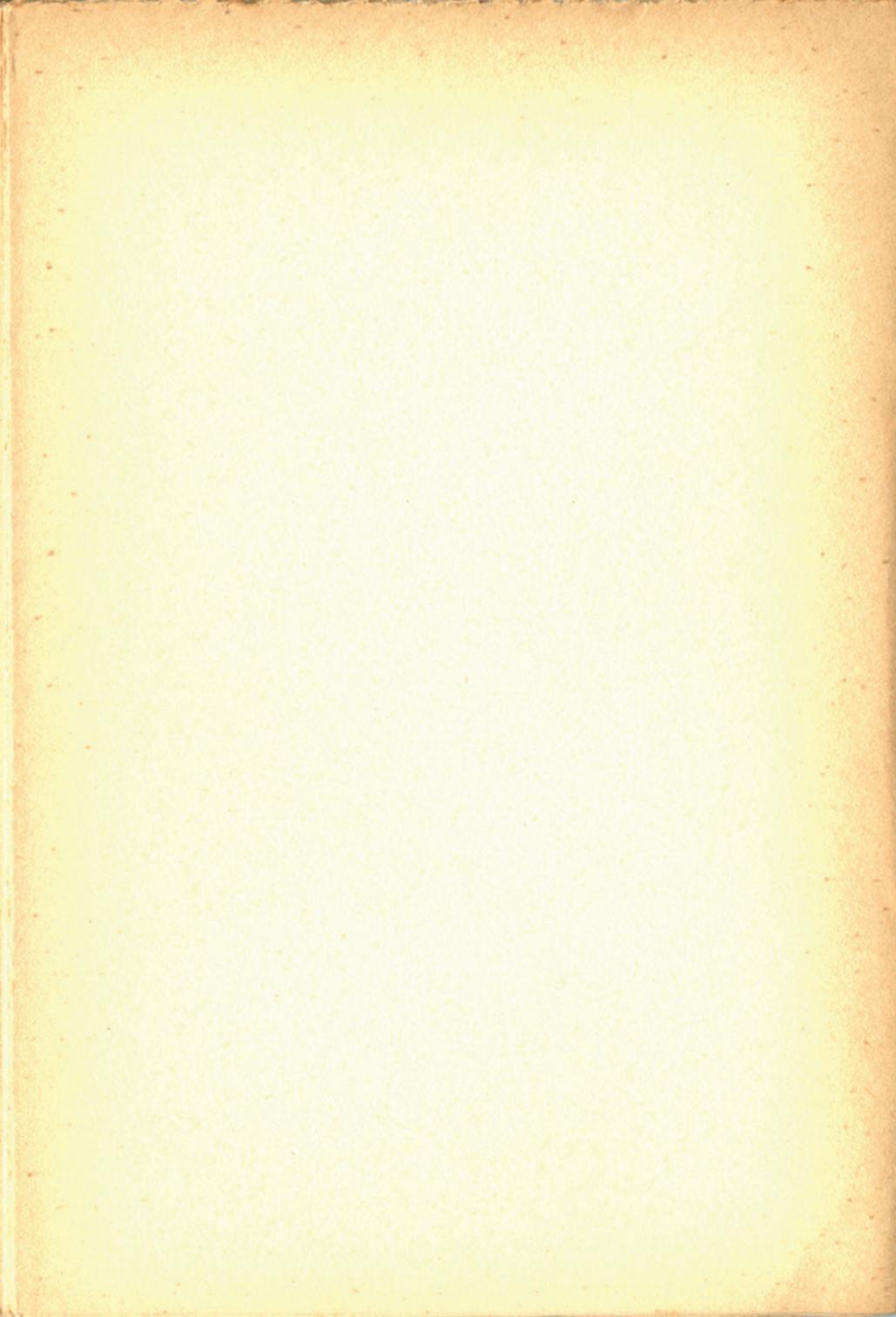
Flautas num crescendo,
tepidez de estio.
Perfume no vento
como água de um rio.

Grutas de cristal
orvalhadas de ouro.
Mística nupcial.
Céus no sorvedouro.

Transviadas ovelhas
voltando ao rebanho.
O pastor de joelhos
ao pé da montanha.

Florestas em grita
marcando outras eras.
Pólen de infinitas
novas primaveras.

Ó sonho perfeito
dos cinco sentidos!
A Eleita e o Eleito
em dias perdidos...



PRIMEIRA COMUNHÃO

para Maria Antônia Lisboa Valadão

As Comungantes eram nove.
Com diademas sôbre os cabelos,
envoltas em nuvens vieram.

Na capela ardendo em círios
comungaram. E partiram.

Seriam representantes
dos nove córos dos anjos?

As nove musas seriam
naquela atitude mística?

Ó translúcidas visões!
Só nos lábios tinham sangue.

Vieram em segrêdo, lindas,
pisando com pés de arminho.

Disseram — quase sem voz —
umas palavras de amor.

Os olhos baixos, em fila,
comungaram. E partiram.

Deixando reflexos vagos
de sol num campo de geada.

VIDA BREVE

Vida frágil
corpo de haste
alma de flor
se esfolhou...

Vida curta
gesto de onda
barco em fuga
mar levou...

Olhos de orvalho
raio de sol
enxugou...

Voz de brisa
sôbre o lago
serenou...

Vida breve
por amor
fruto em nácar
nas entranhas
carregou...

Vida aérea
corpo de alma
nenhum rastro
deixou...

RAIZ AMARGA

Sinto que sou raiz amarga.
Terra gretada é minha sêde.
Núcleo de sombras é meu cárcere.

Lá fora — ao sol, à chuva, ao frio —
rastejarei à flor do chão?
Estarei no ar em clorofila?...

Não sei se há a graça do tronco,
pássaros abrigados nas franças,
escaravelhos zumbindo nos brotos.

Não sei se há doçura de pétalas,
nem aconchego de folhagem
dormindo sôbre espêlhos d'água.

Seja de ouro o pólen ao vento,
de ouro o mel a escorrer do cerne,
de ouro a flama em tórno da lenha!

Sonho a paisagem do meu quadro:
vale seivoso entre montanhas
e o céu — acima de minha fronde.

Porém meus gestos precingidos
como os nós cegos das amarras
furtam-me a tôda revelação.

Talvez — condenada ao deserto —
eu realize apenas miragem
na imaginação dos homens.

REPOUSO

Varanda em sombra, à hora do sol.
Preguiça mais doce que o mel.
Água num copo de cristal
com o vago reflexo azul
do céu lavado de anil.

Sôbre a mesa flores e pão.
(Quanta riqueza se contém
numa lareira, num jardim!)
Livros bem guardados e um
rádio em silêncio. Que bom!...

Hora simples, hora feliz.
Nada de novo para nós.
Na transparência da luz,
como um lago, em placidez,
talvez deslize o anjo da paz.

A MAIS SUAVE

Por milagre, a flor mais suave,
não a colheram os ventos.
Ficou na haste tôda a noite,
trêmula e alta sob a chuva.
Por milagre, a flor mais suave.

Quando foi de madrugada,
o jardineiro pasmou:
suas corolas jaziam
sôbre a terra umedecida;
uma, entretanto, a mais suave,
sustinha-se contra a aragem.

As outras flores por terra,
dálías, papoulas, crisântemos,
— ruivas cabeças — plasmavam
seus espasmos derradeiros:
mártires decapitados,
magdalas em desespêro.

Nas fúrias espirituais
ou nas ardências do sangue,
dir-se-ia que estavam vivas.
Enquanto que a flor mais suave,
como que ausente do mundo
na sua pureza lívida,
era um pequeno cadáver
que todo o jardim chorava.

SINOS

Claros os sinos badalam,
os sinos badalam livres.
Os sinos não sentem nada,
tanto choram como riem.

Badalam os sinos de ouro,
respondem logo os de bronze.
Sinos altos lá do morro,
sinos não se sabe de onde.

À hora da missa badalam,
badalam à hora do entêrro.

Anunciam bens e males,
não lhes importa o segrêdo.

Sinos de puro cristal
de metal sob a ferrugem.
Uns teem vozes matinais
outros teem vozes noturnas.

Na catedral ou na ermida
da mesma sorte badalam.
As procissões já sumiram
e alguém ficou a escutá-los.

RENÚNCIA

Ó palavra cruel:
só de pronunciar-te
meus lábios teem fel.

Martírio de sopra:
vendados, os olhos
ainda mais enxergam.

Disfarce de víbora
sob musgos, típico
disfarce de víbora.

Há cristais em sombra,
superfícies falsas,
fieis à refração.

Ciprestes se curvam
sôbre a terra sáfara,
própria para túmulos.

Fontes em reprêsa
secam-se a si mesmas.

PASSEIO

Para iludir esta ausência
de manhã bem cedo parti.
Como a noite fôra densa
busquei alma para sorrir.

Ao redor havia névoa,
era uma borboleta a aragem.
Meus pés descalços na relva,
meus sentidos pela várzea.

No caminho encontrei um lírio
como um coração — puro e roxo.

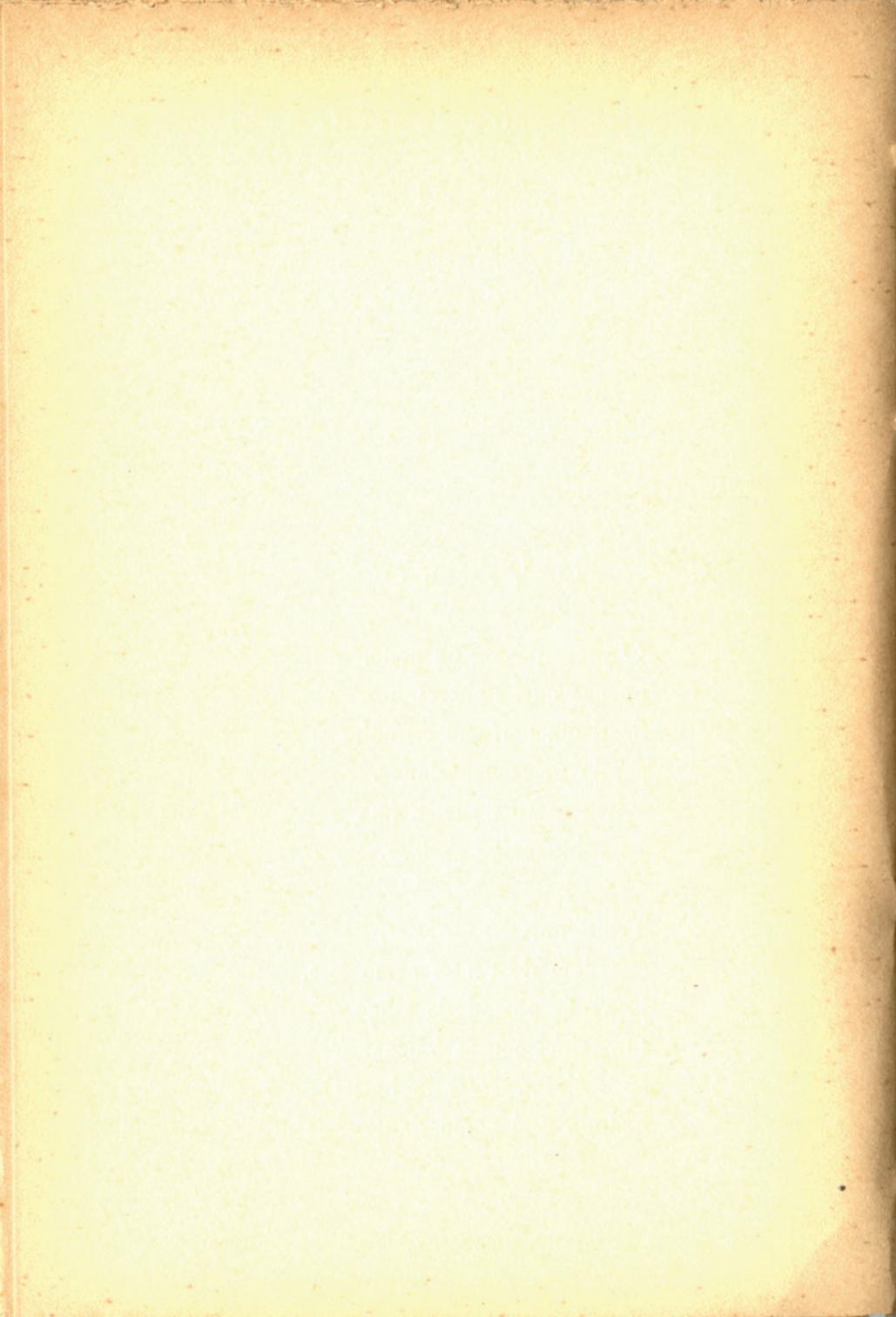
E duas lágrimas caíram
sem querer pelo meu rosto.

Então as flores matutinas
conheceram o gosto do orvalho.
Desde essa manhã sou triste
debaixo do meu telhado.

O VENTO

O vento passou na noite,
apenas ouvi rumores.
Senti um perfume estranho
coado pelas venezianas.
E um gôsto de terra fina
me subiu pelas narinas.

Tenho paredes espêssas,
guardam de ventos como êsse.
O vento passou de longe.
(Imaginei cousas loucas:
eu e êle... Bati na boca!)
E tudo está como dantes.



ROMANCE

E' Maria Flor de Maio
o nome de uma menina.
Procurai nesta cidade
a mais delicada e linda:
é Maria Flor de Maio.

Sempre de branco vestida,
tem os olhos côm de hortênsia.
Manhã cedo vai à missa,
de dia cuida de crianças
— Maria que é flor de maio.

E quando vem vindo a noite
espera que chegue o noivo.
Mas com tal constrangimento,
com tanto rubor à face,
que eu tenho o pressentimento
que Maria Flor de Maio
morre antes de casar-se.

EXPERIÊNCIA

A noite é escura, a noite é escura,
(a vida, a vida está presente).
A noite escura os olhos cega,
os pés resvalam — que miséria!

Não há mais alma, a noite é escura,
a carne é fraca, tomba o corpo.

No escuro, entanto, a mão tateia,
procura a lâmpada, suspende-a,
e a luz se faz, alta e pura,
sôbre o corpo que tomba.

Talvez, talvez amanhã,
algum peregrino acompanhe
os passos do que se perdeu.

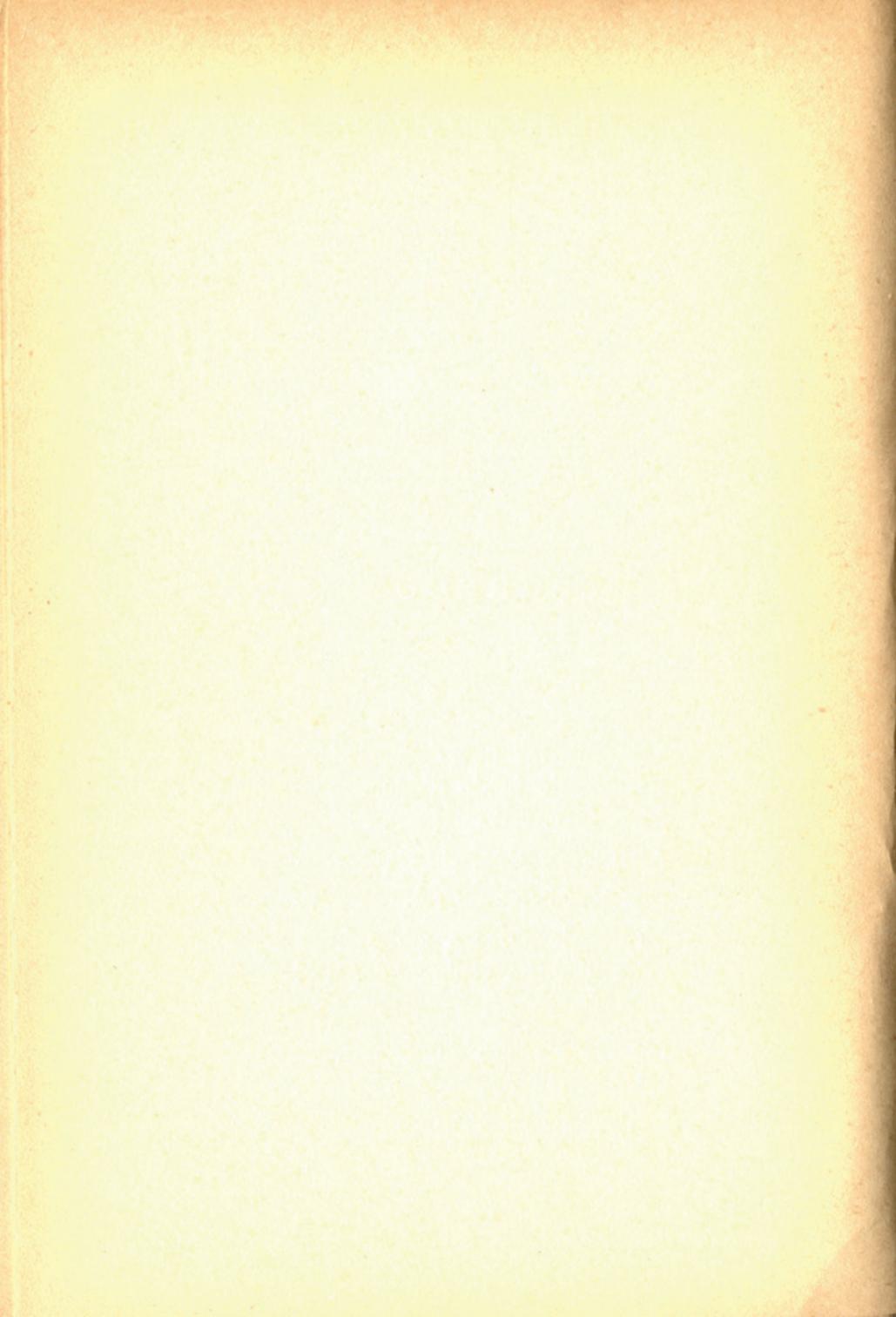
E a luz acima do pântano
recordará o bom caminho
a êsse extraviado futuro.

SEGRÊDO

Tenho os olhos em cintilas,
brumas, trazei-me velários!
Que esta luz não denuncie
tesouros do fundo d'água.

Minha voz é um claro vidro
com revérberos de sol.
Ventos, levai-me a um país
onde ninguém conheça o amor!

No verde escuro das moitas,
entre os musgos, terra a dentro,
perfume de minhas flores
esconderei para sempre.



ALMA SEM VOZ

Alma sem voz, mas até quando
quererás viver entre os maus?
No teu silêncio miserando
vagam os pavores do caos.

Teu silêncio é clara mentira
ardendo ao sol por mais que a escondas.
Faze assim como o oceano, atira
de encontro à areia tuas ondas!

Que não guardarás de profundo
e amargo nesses precipícios

tu, que nasceste para os mundos
de que apenas restam indícios?

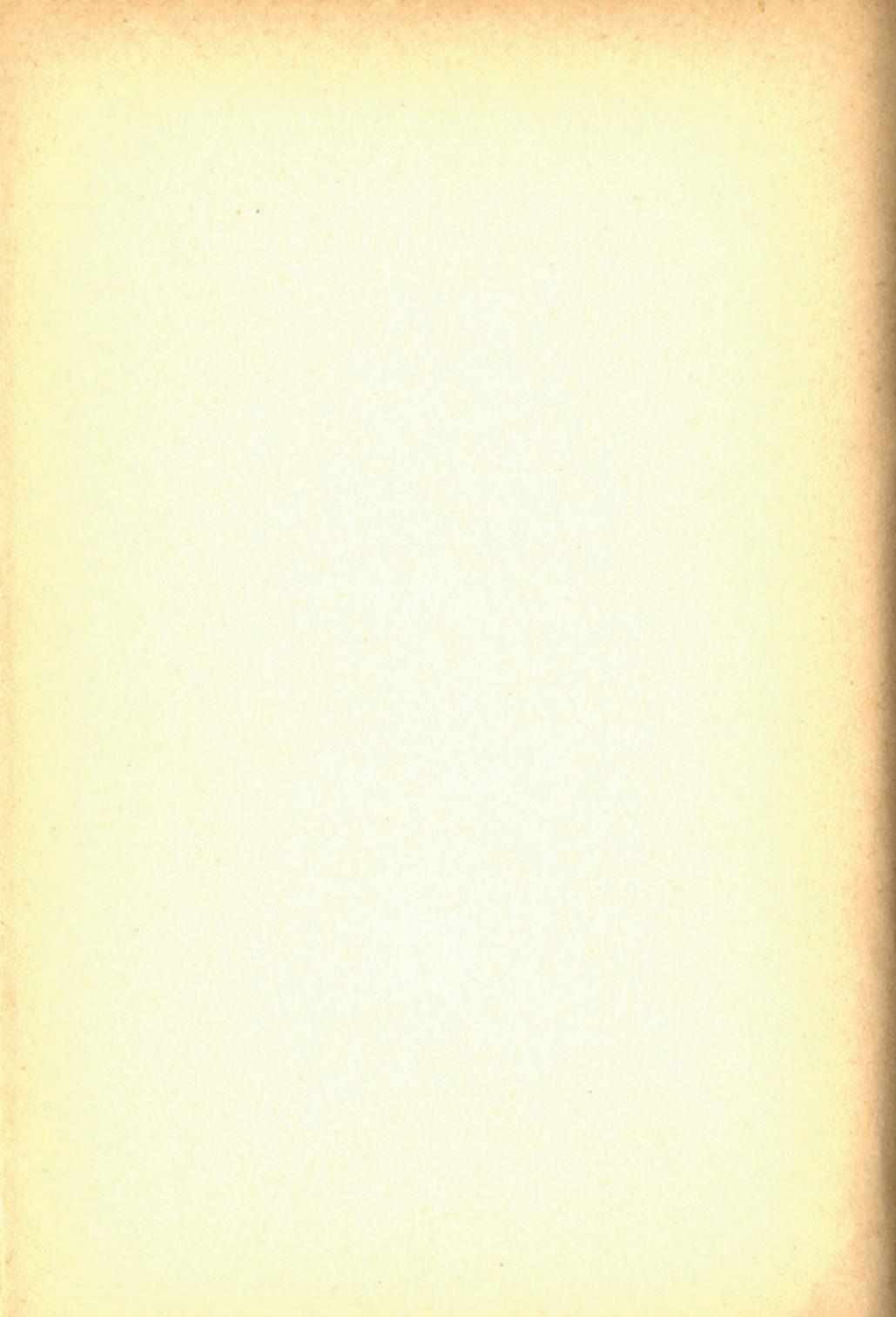
Nesse torpor que esteriliza
há uma floresta sem atalho:
nas ramas não perpassa a brisa,
nas folhas não tremula o orvalho.

Floresta, sabes que veneno
corrói teus troncos carcomidos.
Não tens um recanto sereno
onde se abra a flor dos sentidos.

Tudo é negro em ti. No entretanto
se, num rude desbordamento
de ódio, de soluço e de pranto,
revelasses o teu tormento,

se arremessasses para a altura
ao vendaval erguendo poeira
a maldição que te enclausura,
— a alma do corpo prisioneira —

talvez que o céu, rasgando a entranha
dessas trevas, iluminasse
o alto milagre da montanha
em que o homem se vê face a face.



POEMA DO AMOR

Penso: agora serei feliz
pois a meu lado está o Amor.
Sob a terra escondo a raiz,
árvore a rebentar em flor.

Feliz como o campo de trigo
que após a chuva se aqueceu.
Enfim o Amor está comigo,
de coração unido ao meu!

Contudo, agonias estranhas,
estranhas amarguras trago-as
caladamente nas entranhas,
como um lago de fundas águas.

Tua presença — arco triunfal —
cobre-me a vida de esplendor.
E eu sei que não há dor nem mal
que atinja a presença do Amor.

Porém se teus olhos profundos
seguem como barcos a vela
o roteiro de novos mundos,
que distância se me revela!

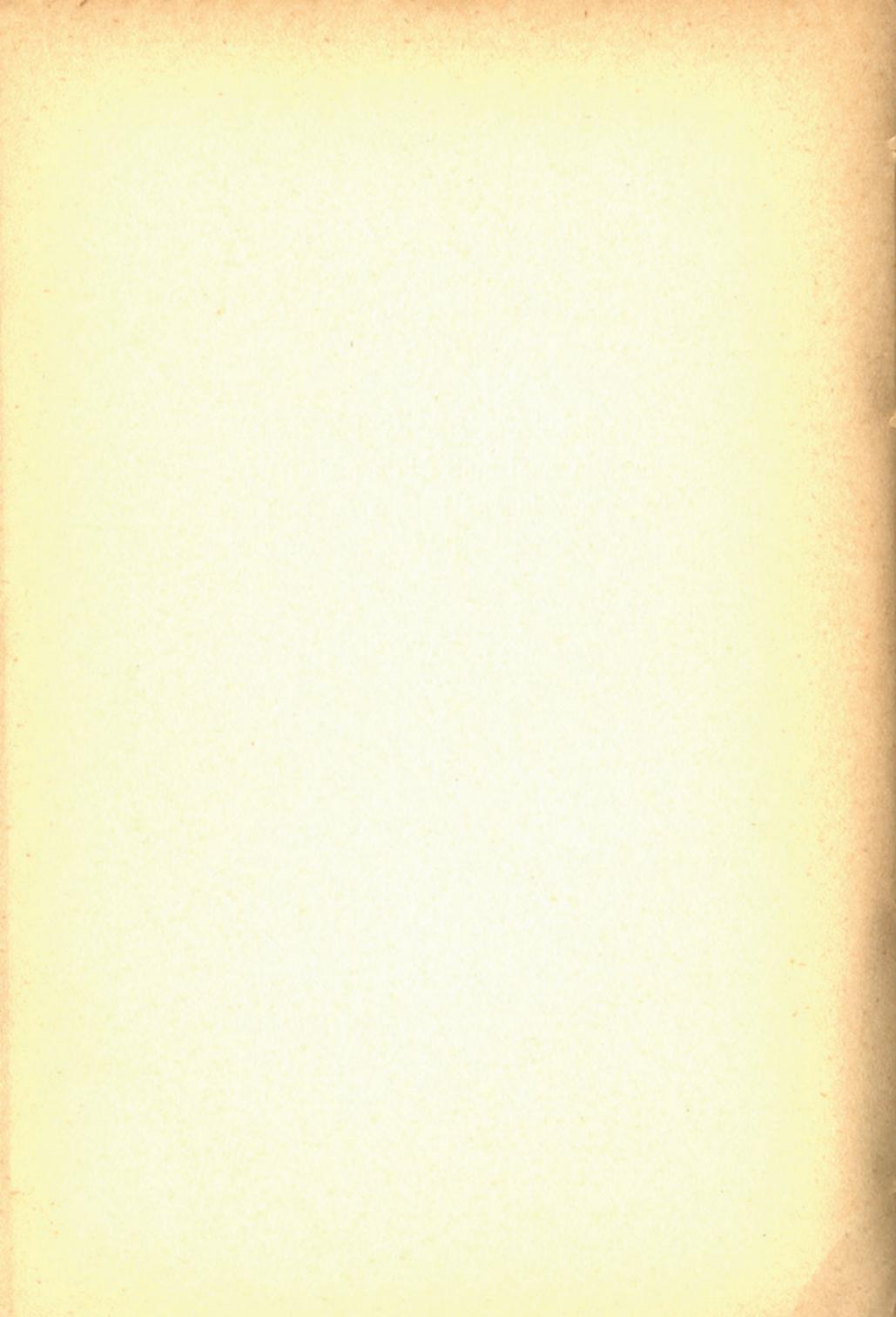
Se despiedoso ou distraído
quebras de nossos dedos o elo,
— pássaro que tomba ferido,
nas minhas mãos morre êste anelo.

Se teu carinho promissor
pela manhã se me anuncia,
pressentimento de sol pôr
enubla o cristal da alegria.

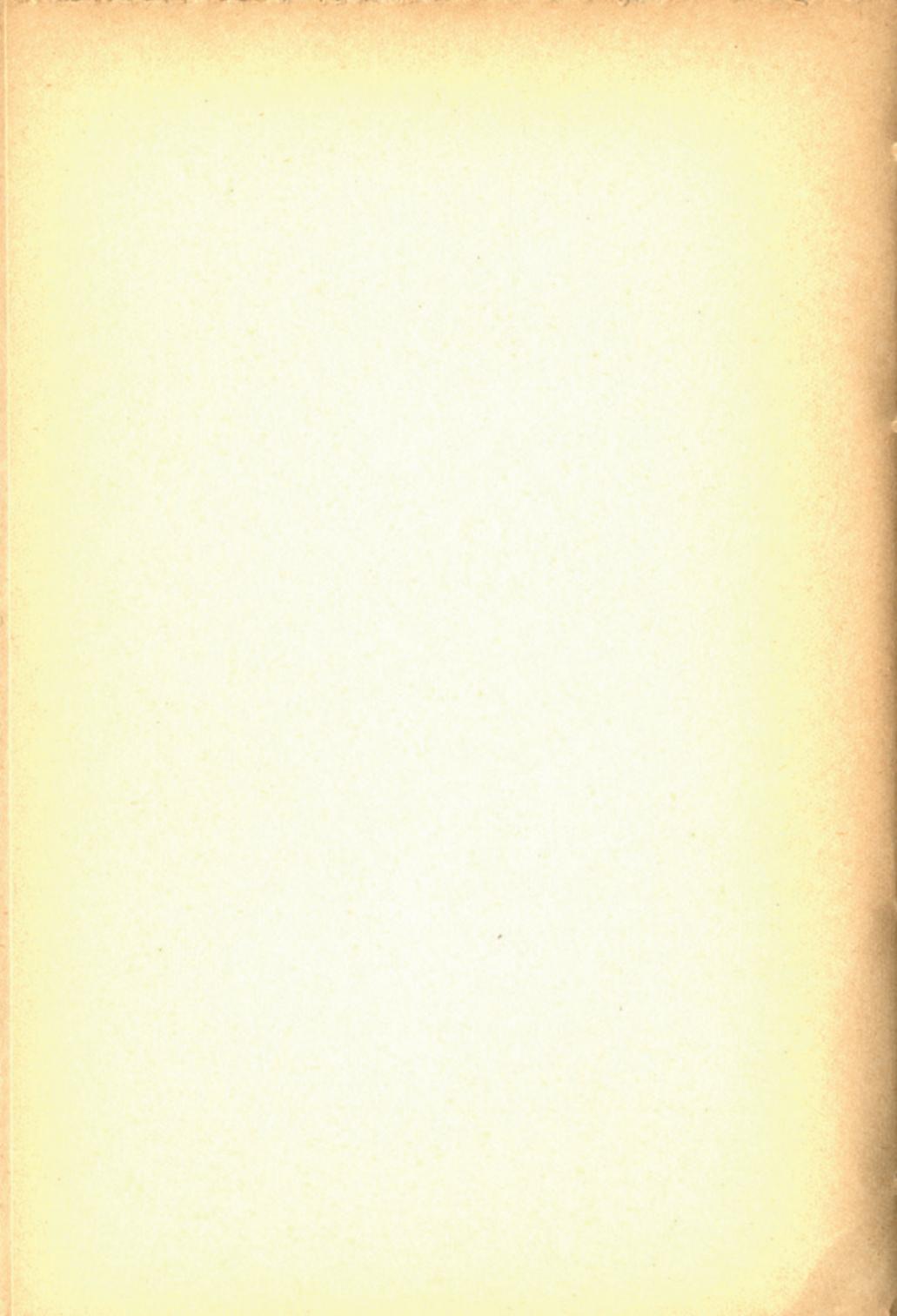
Teu silêncio é trama de espinhos
em que se laceram meus véus.
Tua voz — espuma de vinhos
que te embriagaram noutros céus.

Nesta paixão que nos separa
quanto mais nos une a aparência,
sofro — minha volúpia rara! —
tôda a nostalgia da ausência.

Amor — espada de dois gumes,
cada qual mais frio e mais forte:
se a vida está no que resumes,
és o caminho para a morte.



3



A SURPRESA

para Heli Menegale

Berenice na doçura da brisa que ainda agora brincava na várzea,
no verde-claro das avencas sob as varandas inaugurais,
no madrugar da estrêla que nenhum sábio anunciou,
Berenice no regaço materno como jóia escolhida de núpcias.

Berenice na insônia das noites infestadas de presságios,
no chamamento das ilhas longínquas do Pacífico,
na incerteza dos barcos a vela sôbre o dorso dos rios,
Berenice no seio das turbas como pássaro entre víboras.

Na plenitude dos gestos desafogados e heróicos,
no acenar das bandeiras sôbre as cumiadas,
no êstase e no martírio da criação, Berenice,
Berenice na harmonia do cosmos como fôrça essencial!

.

Berenice no coração confiante do Poeta
e no espírito perturbado do Pai.

P A S T O R

Ninguém viu quando o estranho transpôs o pórtico sagrado,
nem quando êle atravessou a nave,
nem quando, no âmbito de sua sombra se fundiram tôdas as
[côres num roxo-marinho de crepúsculo;
ninguém sentiu seus passos de lã
quando êle se esgueirou pela multidão para subir os degraus do
[santuário;
ninguém percebeu que foi o seu cansado sôpro que apagou,
[uma a uma, as luzes do altar.

Houve silêncio em tórno como à chegada de um morto,
os fiéis baixaram instintivamente a cabeça,
o vento arrepiou de manso os véus com que se cobriam as
[mulheres.

Foi então que êle começou a falar com pudor,
semelhante ao filho pródigo de volta ao lar.
Tudo evocava um tempo remoto, de perdidas miragens,
tempo em que o visionário marginara declives
como um cego na estrada, sem menino.

A palavra reveladora vinha de uma planície através da neblina,
curta e sem brilho como um segrêdo à hora extrema.

A tristeza invadiu o ambiente com a fumaça de incontáveis
[turíbulos;
caiu do teto uma poeira tênue de prata sôbre as lages do
[templo.

O roxo-marinho do crepúsculo ia-se transformando aos poucos
[num tom fôsko de pérola de ante-amanhã.

E ninguém pensava em partir porque não havia mais esperança;
a esperança morrera na voz do estranho,
a voz grave do estranho contaminara todos os corações;
no entanto ninguém chorava porque as suas palavras eram
[puras e belas.

Ele ensinava, sim, que tudo era inútil,

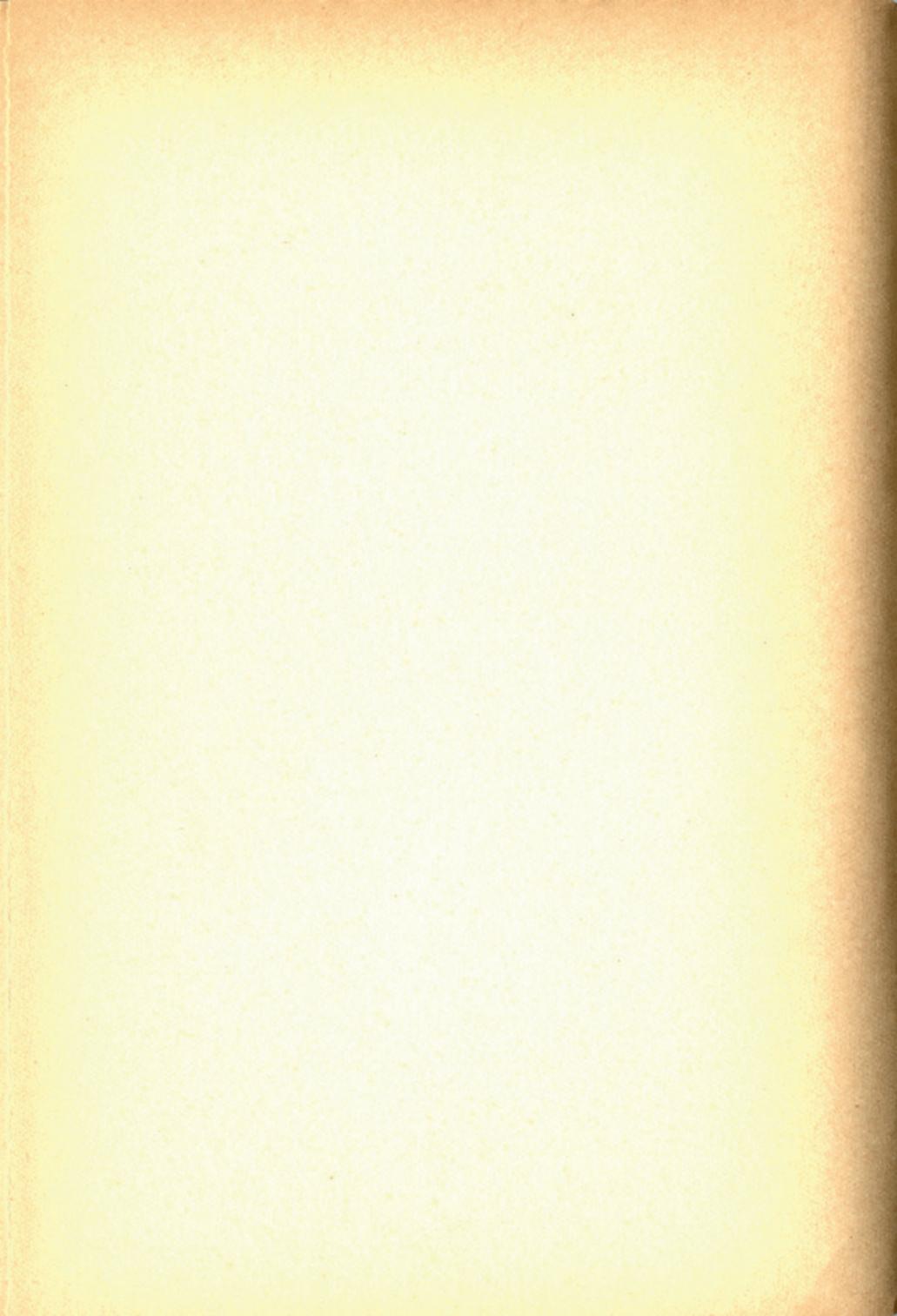
porém o seu verbo tinha o dom de suavizar a verdade mais dura:
era óleo escorrendo do tronco sôbre as raizes da terra sêca.

E quando a madrugada chegou, brumosa e lívida como a

[vigília da viuvez,

estavam os peregrinos adormecidos, como crianças, aos pés do

[novo pastor.



CAMPO NOTURNO

Campo noturno sob o silêncio.
Dormem os corpos à flor da terra
lembrando os outros que estão abaixo,
os outros, que não despertam.
Despertarão
êstes que dormem à flor da terra?
Respiram leve, por fio tênue.
(Parte-se o fio, fugiu a vida)
Anjo da Noite, vela por êles!
São troncos de árvore
que a tempestade jogou no chão.

Arvores fortes lutam com o sol,
a noite as vence: tombam os corpos
sob o frio dos astros.
Campo de luta sob o silêncio:
dormem vencidos.
Pernas e braços e torsos
que se desnudam, que gelam.
Anjo da Noite, vem com teus mantos,
cobre estas grandes magnólias tenras
que escorrem leite por sôbre a terra.
Cobre êstes membros que se desgarram:
— já foram destros —
ramos que o vento sacode
vão na fôrça da corrente!
Dormem os corpos à flor da terra:
estão inermes,
estão perdidos nos seus abismos!
Não pára o rio que move pedras
e a vida deles é fôlha sêca!
O sono é um corvo
rondando a morte que já vem próxima!
(Dias contados, horas contadas. . .)
Anjo da Noite, vela êstes corpos
que a morte espreita!

PARÁBOLA

O grande sonâmbulo veio da treva subterrânea,
levantou lápides frígidas de mármore,
desvencilhou-se de mortalhas gélidas,
foi como Lázaro espantando os incrédulos,
como Lázaro vencedor da morte.

E assim como a labareda que luta com o vento,
ora a agigantar-se para as nuvens, ora a curvar-se para o solo,
oscilante e trêmulo caminhou no seu passo de condenado.

Foi ao deserto e jejuou quarenta dias e quarenta noites,
subiu à montanha e resistiu a tôdas as seduções de Satanaz,

pisou as águas e as águas se abriram sob seus pés,
lançou rêdes ao mar e acorreram aos milhares os peixes,
disse "andai" aos paralíticos e os paralíticos andaram,
aos cegos disse "enxergai" e enxergaram os cegos.

Semelhava um novo Cristo o grande sonâmbulo,
porém aqueles que haviam conservado a pureza do coração e
[dos sentidos
perceberam que faltava ao novo Cristo humanidade e beleza,
êle não tinha vida, êle havia perdido a vida,
possuia do Mestre apenas a face,
sua sabedoria era a sabedoria dos túmulos,
nos seus prodígios residia a volúpia macabra do extermínio.

Mas estava escrito que êle se apresentaria como um deus,
então as turbas o cercaram em alarido como as ondas a um
[alto rochedo,
e o seu verbo foi levado às extremidades da terra por um exército
[de anjos vestidos de púrpura,
e o seu poderio cresceu igual à sombra da noite envolvendo o
[mundo
e à sombra dêsse poderio se abrigaram abutres farejando
[cadáveres.

E o dia do Senhor tardava, tardava...

A MISTERIOSA PRESENÇA

Não sei bem onde estás, Pátria, porém sinto a tua misteriosa
[presença.

Na água límpida que refrigera os lábios
sorvo-te o gosto de suavidade e pureza.

Na unção das magnólias entre-abertas à lua
aspiro o perfume de tuas nostalgias.

Na brisa que percorreu desconhecidos caminhos
sinto a carícia de teus dedos.

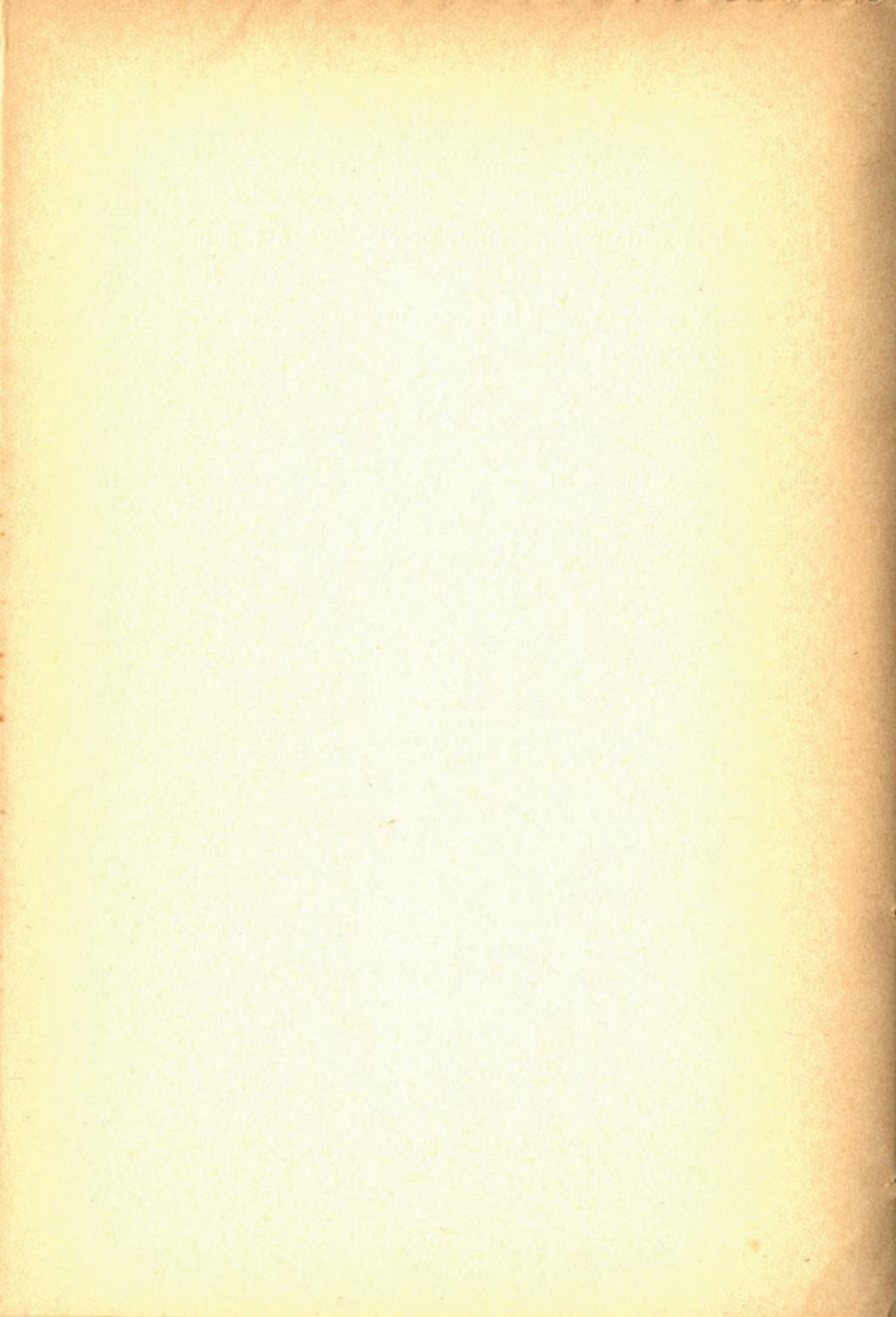
Nas estrêlas que rompem os mantos da treva
vejo o brilho de teus grandes olhos úmidos.

E nos gorjeios da madrugada
ouço as revelações de tua alegria virgem.

Não sei bem onde estás, Pátria, porém sinto a tua misteriosa
[presença.
Nas minhas expectativas sofrem teus campos necessitados de
[chuva.
Precipitam-se nos meus desassombros tuas cachoeiras em tor-
[velinho.
No meu orgulho ascende a linha vertical das tuas palmeiras.
Alongam-se na minha indolência tuas relvas macias e tenras.
Vagam pela minha saudade silenciosas Marílias.
E nos meus ermos rezam tuas velhas igrejas coloniais.

Não sei bem onde estás, Pátria, porém sinto a tua misteriosa
[presença
nos gestos trêmulos de minha mãe,
na certeza absoluta dos moços,
na graça delicada da infância.
Medito ao pé de tuas lareiras com os pensadores encanecidos,
rio-me com os jovens enamorados da vida à sombra de ouro
[dos teus pomares,
subo as tuas colinas cantando com as crianças morenas de nossas
[escolas.

Não sei bem onde estás, Pátria, porém sinto a tua misteriosa
[presença,
sinto que te encontro a cada momento
no milagre do amor!



MUNDO DE REFLEXOS

Mundo de reflexos,

único para cada ser.

Conheço tua grandeza de oceano,

tua nitidez de éter,

e teus mistérios noturnos com luminosidades brancas florescendo

[e morrendo.

Quantas vezes me tenho perdido nas tuas ondas como um peixe

[cego,

oceano cujos abismos se iluminam de sua própria fosforescência,

a quantas vezes encontrei no fundo de teus arcanos

a luz de meus próprios olhos.

Além de teus limites é a noite,
mas ainda nas dobras da noite,
no seio dos abismos marinhos,
peixes negros carregam lanternas de côres sob o cristalino,
protozoários brilham rolando orvalho nos limos verdes.

Mundo de reflexos, batido mil vezes de sombra,
mil vezes multiplicado nos mesmos revérberos,
reproduzes em cada geração
a face do homem lanhada de dúvidas;
o homem bafejou-te desde eras remotas
com o seu hálito morno de desejos.
Porém, semelhante ao lago após o mergulho das pedras,
inflexível tens sido
desenhando com dedos de cristal
a forma irrecusável dos círculos.

PRECE À BELEZA IMORTAL

Beleza — essência de Deus.

Permite que êstes lábios efêmeros louvem a tua eternidade
e se queime a teus pés o meu ser como incenso,
porque sou aquela que elegeste para habitar teus átrios
como a inocência escolhe pequenino grão de areia
para simbolizar uma estrêla.

Abençoado seja o momento em que regressas ao convívio dos
[homens

na tua virgindade fecunda como a da terra
que, depois de saciar-nos a fome à hora da colheita,
entreabre o seio intacto à sementeira.

Em vão o grito das turbas provocou teu silêncio
protegido pela sombra dos séculos.

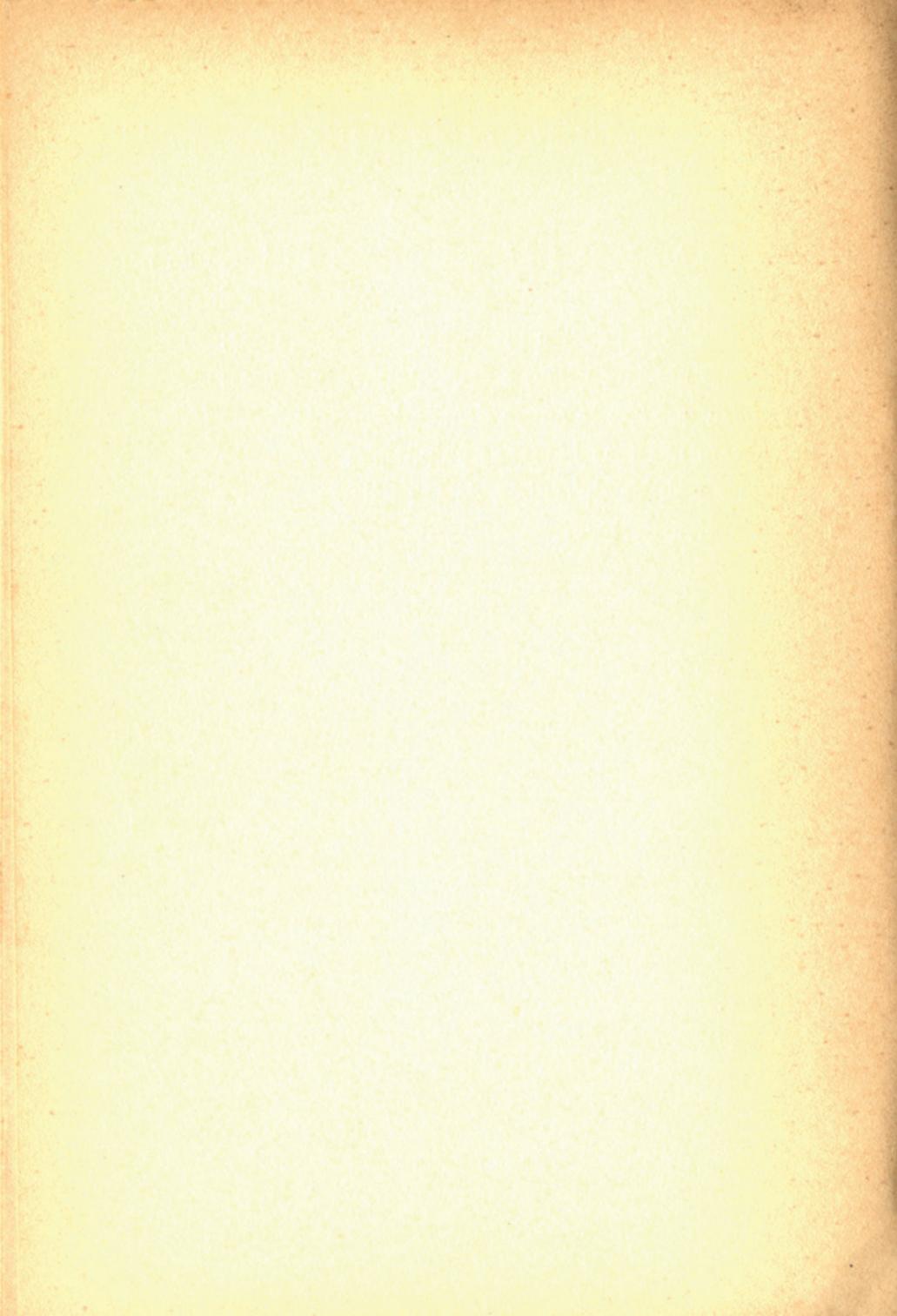
Em vão a lama dos brejais atingiu a alvura de teus mármorez
lavados cada dia pelo orvalho das nuvens.

Ah! da alucinação passageira
a única árvore que amadurou seus frutos
foi aquela de que se fez a cruz
para o túmulo do sonhador desconhecido.

De agora em diante viverás — mutável e única —
de uma vida que ignoro
mas que pressinto nítida
como o latejar das veias nos pulsos.

Através de ti principiamos a ver as cousas invisíveis,
amamos em ti o verdadeiro, eterno amor.

Preside pois à mansão dos homens ingênuos e trágicos de hoje
para que êles não se percam nos caminhos da iniquidade;
ofusca-os com teu fulgor e rasga-lhes teus panoramas;
encarcera-os nos teus ritmos e empresta-lhes tuas asas;
fere-os para que êles te amem dominadoramente
e descubram nas tuas humanas palpitações
e sorvam na ebbriez dulcíssima de teu hálito
a essência viva de Deus.



CONDENAÇÃO DO INFIEL

Estarás ausente para a eternidade,
estarás ausente de tudo e de todos.

Teu corpo voltou à terra, teus olhos estão apagados
como a cinza que o vento jogou no mar.

Poderoso tufão varreu dos altares tua imagem,
sombra espessa abafou as vozes que pronunciavam teu nome.

Ausente estarás como pedra do deserto:
os caminhos se libertaram de ti.

Seremos o cântico mais puro do universo
e em vão procurarás ouvir-nos.

Seremos o gemido mais triste do êrmo
e teus passos não se aproximarão.

Anunciaremos aos homens o nascimento da estrêla
e as sombras pairarão sôbre ti.

Em abundância de olores subirão do vale nossos gestos de amor
e teus sentidos estarão sem frêmito.

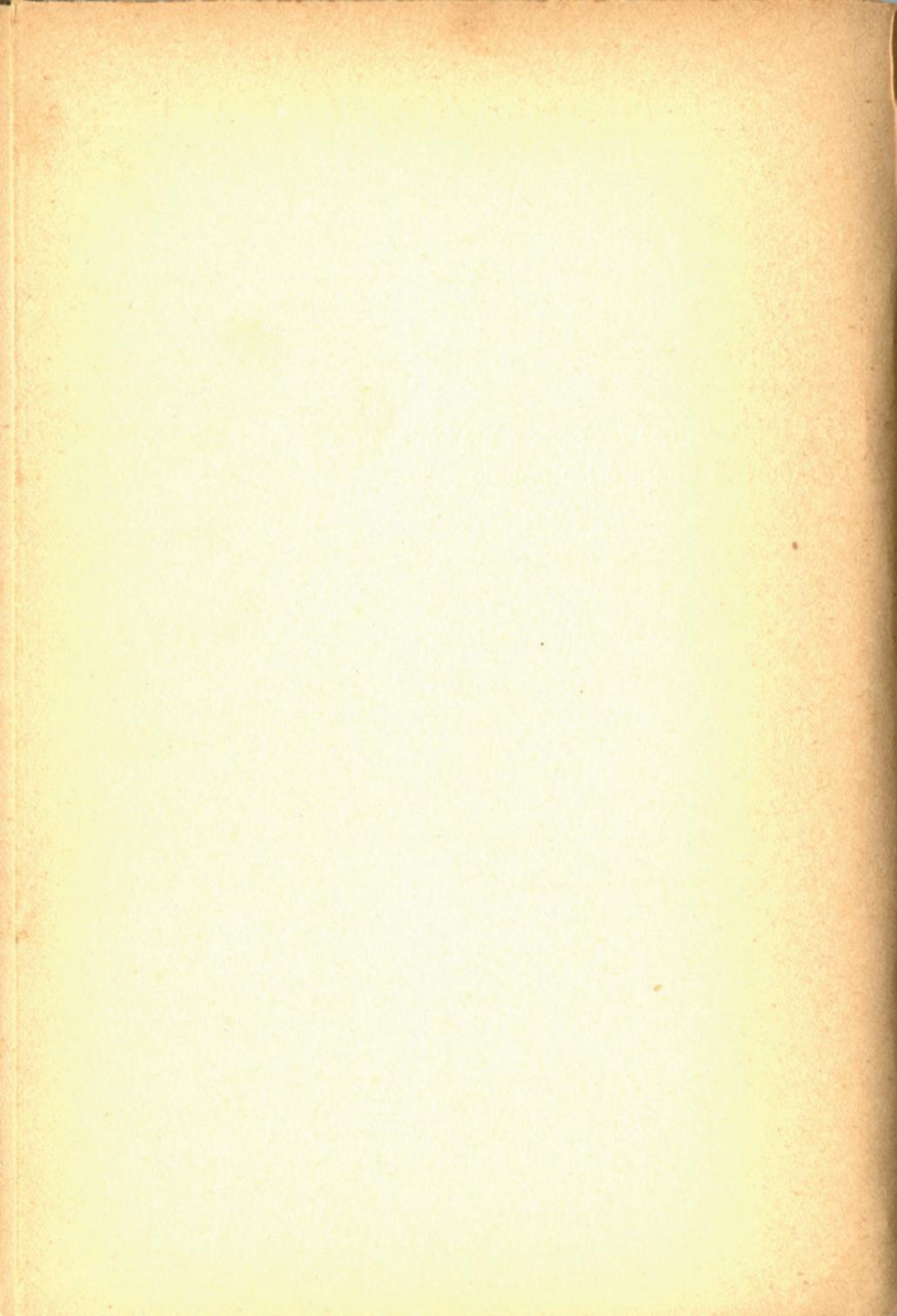
Ausente estarás dos lares e dos corações,
ausente estarás em todos os tempos.

Quando as crianças se reunirem no pátio em redor da fogueira
e os risos da adolescência se confundirem com os gorgolejos da
[água
e as faces se tocarem com lágrimas,
estarás ausente.

Ausente estarás de todos os cenáculos,
nenhum credo será o teu,
nenhuma oração rezarás em comum,
nenhum amigo pousará a mão no teu ombro,
de ninguém serás chamado o irmão.

Não conhecerás perdão,
nem misericórdia,
nem ódio,
nem desprezo.

O gládio com que rompestes a grande aliança
voltado está contra o teu próprio peito.



INSPIRAÇÃO QUE SE PERDEU

O' o segrêdo, o segrêdo para sempre,
o segrêdo que o Poeta não sabe traduzir
embora tôdas as linguas lhe sejam familiares,
e êle tenha caminhado em tôdas as direções sôbre a face da terra,
e tenha baixado fundo ao seio das águas virgens;
o segrêdo indevassável, imutável,
no qual os homens não acreditariam, frouxos como a paina que
[leva o vento
ou contra o qual se insurgiriam, ineptos e rudes como a própria
[matéria;

o segredo que desafia a fatalidade dos ciclos,
que intercepta as leis da ciência,
que se sobrepõe à mentira das realidades;
o segredo coberto de nuvens tal a fumarada que escondeu Moisés
[e o Senhor;
o segredo que veio sangrando da eternidade como o fruto do
[ventre materno,
destinado, antes de todos os tempos, a viver apenas um segundo,
clamando, clamando num brado de gerações pelas águas do
[batismo!

Os olhos do Poeta deveriam estar acesos como duas brasas na
[treva informe,
seus ouvidos deveriam escutar como dois antros inhabitados,
as narinas deveriam tatarar como asas frementes,
as mãos vibrar como as do sacerdote quando consagra pela
[vez primeira o corpo de Cristo!

Seus sentidos perceberam nitidamente o milagre,
a consciência irradiou-se de súbito.
Ele, contudo, cobriu o rosto
cheio de espanto e de pavor diante da magna revelação,

acovardou-se para não dar testemunho da verdade,
negou tres vezes a sí mesmo como Pedro negara ao Mestre,
precipitou-se na queda
semelhante à aguia real que se vê tragada pelo infinito.
Ah! teve a duração de um relâmpago
o encontro da criatura com o Criador.
E nada ficou senão a confusão sem limites e a desolação sem
[limites:
lábios ressequidos num silêncio de séculos,
olhos cegos que não mais poderão contemplar o azul,
passos que ressoam noite e dia entre as paredes de um cárcere...
Nenhuma aragem pressagiando o repouso da tarde,
nenhuma lágrima para umedecer o rochedo,
nenhuma esperança de sobreexistência na aridez dos cardos.
Alguém ficou tragicamente vivo, enterrado vivo,
resistirá até o último instante às graças do Santo Espírito,
descerá às entranhas do inferno por desesperação da salvação.

MENSAGEM

Estou convosco, Irmãos, à hora das lágrimas,
à hora em que se apagam as luzes que acendestes de mãos
[trêmulas.

Estive convosco, Irmãos, à hora em que lançastes na terra a
[semente,
à hora em que procurastes fixar na retina a miragem.

Estarei convosco, Irmãos, à hora do triunfo,
quando pairar sôbre tôda miséria o anjo da consolação
e o universo for consumido pelas labaredas do fogo sagrado.

Irmãos, meus Irmãos, estou sempre convosco,
sou uma de vós, reconhecei-me,
talvez a mais dócil e terna ovelha esquecida no aprisco,
talvez aquela a quem o orgulho desgarrara da estrada real.

Ah! não me credes,
porque não recebo o frio noturno pelos desvãos de vossas chou-
[panas,
porque não me embriago com o vosso vinho,
nem de louros vos cingirei a fronte no dia em que fordes chamados
[gloriosos.

Vejo-vos em multidão compacta,
ouço as vossas vozes em cântico,
sinto o pulsar das vossas artérias no mesmo ritmo fatigado e
[eterno dos oceanos.

Estais todos unidos num bloco de mármore prodigioso,
e a vossa respiração sobe e desce aos meus ouvidos
semelhante à das vagas sob o silêncio inenarrável dos astros.

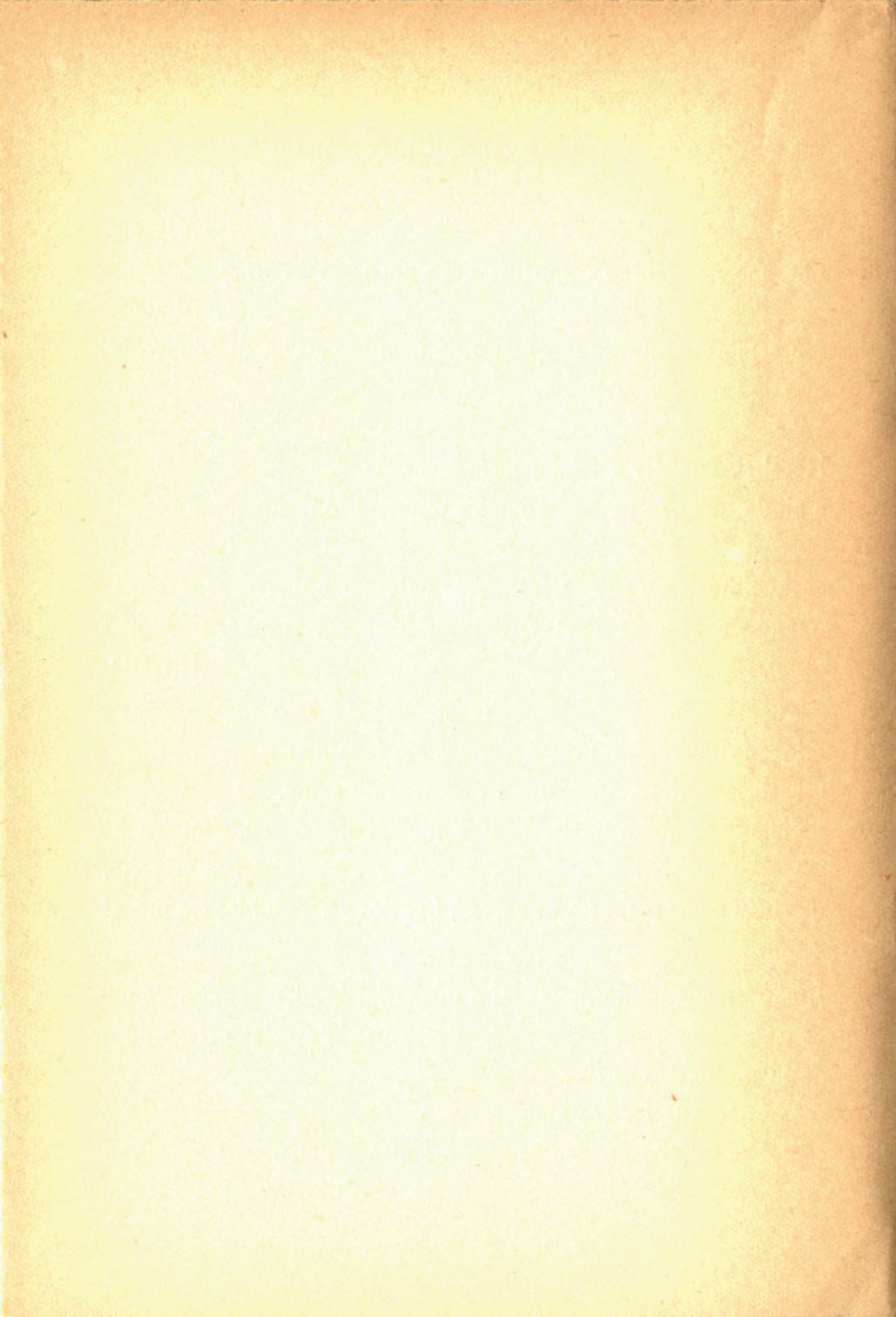
Mas não me vêdes nem me ouvís:
quando tentei seguir-vos veio da montanha um espesso nevoeiro,

sinto-me na solidão como um cego em meio às trevas que não
[buscou,
sou como o náufrago segregado do mundo na ilha desconhecida,
[além.

Recebei, Irmãos, a minha mensagem,
e ainda que não puderdes jamais distinguir o meu vulto apagado
[nos longes,
chegue até vós o calor das minhas palavras e dos meus suspiros
quando a aragem do crepúsculo soprar da grande, misteriosa
[floresta.

Dir-se-ia que nunca nos encontraremos face a face:
ó a emoção de comunicar-me convosco do exílio,
de imaginar que a minha cabeça pudera repousar algum dia no
[vosso peito,
que meu nome perpassa às vezes à flor dos vossos lábios em prece!

Irmãos, meus Irmãos, guardai a minha lembrança como a de um
[beijo apenas pressentido:
nada mais sei dizer-vos
senão que a todos vos amo
com êsse infinito amor com que o Pai nos amou.



AUSÊNCIA DO ANJO

Após a noite em que as sete sombras ergueram sete montanhas
e rasgaram sete abismos
para impedir a consumação da loucura,
após a noite em que os relâmpagos chicotearam o corpo da treva
para libertá-la do monstro,
após a noite em que o homem esbofeteou o rosto do Anjo e lhe
[arrebatoou a bandeira,
a madrugada veio fria como a eternidade da estrêla,
fria como o isolamento dos cemitérios,
fria como o dorso da estátua sob a chuva do inverno.

Então um grito lancinante se fez ouvir em todos os recantos da
[terra,
o nome do Anjo ecoou de quebrada em quebrada,
a face do Anjo se refletiu em todas as consciências como num
[espêlho,
cada creatura se lembrou de haver assistido à fuga do Anjo.
A natureza chorou o pranto dos rios e dos mares,
os ventos gemeram, uivaram, soluçaram, abraçados ao tronco das
[árvores,
os campos foram devastados pela sêca,
os campos reverdeceram alagados pelo suor da humana esperança,
os arados sulcaram o seio da gleba,
cidades se levantaram à margem das florestas,
arregimentaram-se voluntários para a procura do Anjo:
Veleiros carregados de púrpura navegando todas as águas,
alpinistas escalando montanhas recobertas de neve,
sábios encanecendo entre a poeira dos pergaminhos e dos cálculos.
E como tardava o encontro,
menestréis choraram nos seus alaúdes, de solar em solar, a sau-
[dade do Anjo,
escultores modelaram o barro em formas que lembrassem o corpo
[do Anjo,

Beethoven cresceu na grandeza dos desesperos por pressentir a
[música do Anjo,
Francisco de Assis sentou-se à beira da estrada para espreitar
[a volta do Anjo.

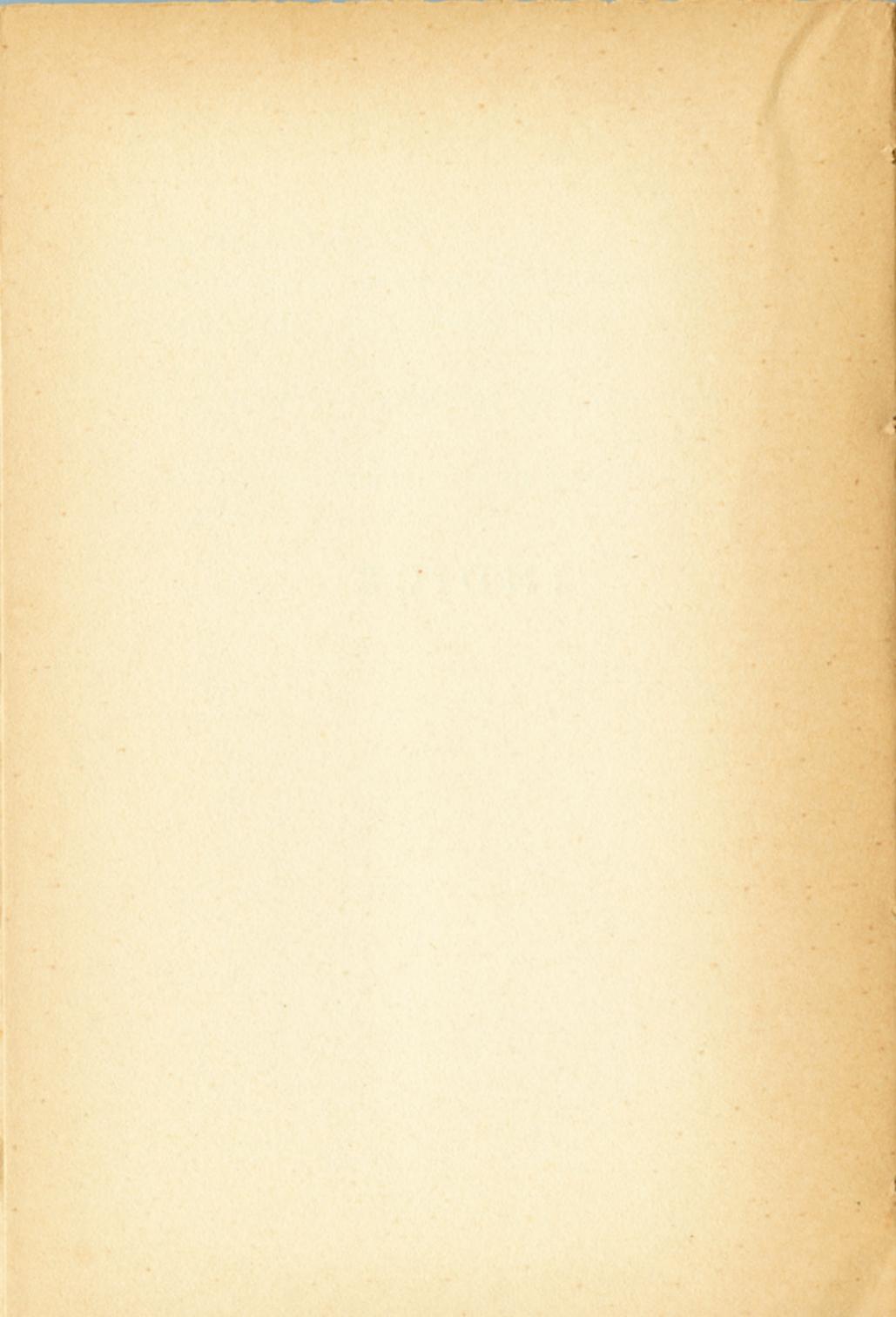
Não houve sequer um vagabundo que não gritasse vitória julgando
[vê-lo um dia entre as turbas,
nem ser humano que não cometesse desatino em seu nome.
Na alucinação da busca,
máquinas voadoras cortaram o azul como tesouras de prata,
projetores iluminaram a distância a bordo de navios dementes,
arranha-céus subiram pela escada das nuvens,
poderes demoníacos captaram a mensagem do vento,
almas se ofereceram em troca de desaparecidas atlântidas.

E quanto mais corria o tempo e se apagavam no planeta os
[vestígios do Anjo,
mais acre se tornava a parábola da vida.

Os homens deram mesmo de procurá-lo em sentido oposto:
banqueteavam os fartos pela mão dos servos famintos,
perturbavam o repouso da infância com a volúpia das assom-
[brações,

mercadejavam a beleza,
turbavam a água de que bebiam para a multiplicação do prazer,
destruíam templos que o passado teria levado séculos para
[construir,
trucidavam-se uns aos outros para que o Anjo ressuscitasse do
[sangue sacrificado.
E não viam que as estrêlas se haviam eternizado em cruces
para significar a ausência do Anjo.

INDICE



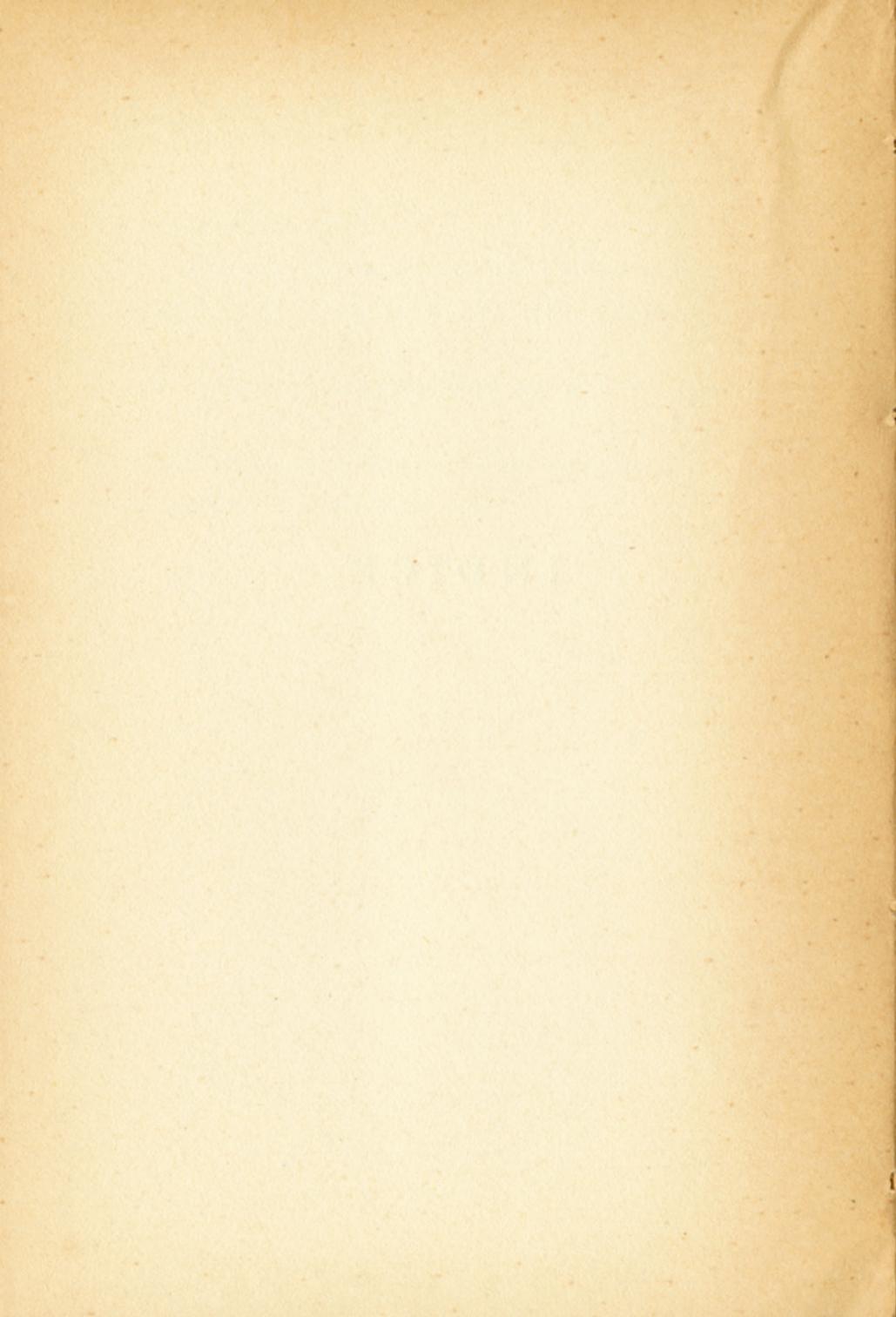
Prisioneira da Noite	1
--------------------------------	---

1

Infância	7
Doce momento	9
Fascinação do mar	11
A cidade mais triste	13
Flor	17
Espectativa	19
Destêrro	21
Convite	23
Noturno	25
Eva	27
Dor	31
Problema	33
Luz suave	35
Visita	37
Singular	39
A Intrusa	41
Incompreensão	43
Louvores	45
Última Visão	47

mercadejavam a beleza,
turbavam a água de que bebiam para a multiplicação do prazer,
destruíam templos que o passado teria levado séculos para
[construir,
trucidavam-se uns aos outros para que o Anjo ressuscitasse do
[sangue sacrificado.
E não viam que as estrêlas se haviam eternizado em cruces
para significar a ausência do Anjo.

INDICE



Prisioneira da Noite	1
--------------------------------	---

1

Infância	7
Doce momento	9
Fascinação do mar	11
A cidade mais triste	13
Flor	17
Espectativa	19
Destêrro	21
Convite	23
Noturno	25
Eva	27
Dor	31
Problema	33
Luz suave	35
Visita	37
Singular	39
A Intrusa	41
Incompreensão	43
Louvores	45
Última Visão	47

ÍNDICE

Pirilampus	49
Trecho de poema	51
O Ausente	55
Um prisioneiro chora	59

2

Ó sonho perfeito	65
Primeira Comunhão	69
Vida breve	71
Raiz amarga	73
Repouso	75
A mais suave	77
Sinos	79
Renúncia	81
Passeio	83
O Vento	85
Romance	87
Experiência	89
Segrêdo	91
Alma sem voz	93
Poema do Amor	97

3

A Surpresa	103
Pastor	105
Campo Noturno	109
Parábola	111
A misteriosa presença	113
Mundo de reflexos	117
Prece à beleza imortal	119
Condenação do infiel	123
Inspiração que se perdeu	127
Mensagem	131
Ausência do Anjo	135

Terminada a impressão em
Fevereiro de 1941, nas ofici-
nas gráficas de A. Rassolillo
à Rua Asdrubal do Nasci-
mento, 395.

São Paulo — Brasil

